

## **PICOTE**

A interpretação do sítio como processo criativo

**Maria Benita da Silva Azevedo**

**PICOTE, A INTERPRETAÇÃO DO  
SÍTIO COMO PROCESSO  
CRIATIVO**

---

**Trabalho de Projeto  
Mestrado em Arquitetura**

**SETEMBRO, 2022**

**Maria Benita da Silva Azevedo**

# **PICOTE, A INTERPRETAÇÃO DO SÍTIO COMO PROCESSO CRIATIVO**

---

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura realizado sob a orientação científica de Michele Cannatà

## [DECLARAÇÕES] DIGITALIZAR

Declaro que esta(e) Dissertação / Trabalho de Projecto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

---

Porto, .... de ..... de .....

---

Declaro que esta Dissertação / Relatório / Tese se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

---

Porto, .... de ..... de .....

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao meu orientador, Michele Cannatà, pelas perguntas que fez, pela sua orientação, sabedoria e pela disponibilidade.

Aos amigos, uns inspiradores e exemplares, outros animadores e persistentes, mas sempre presentes.

Aos meus pais, aos meus irmãos e à querida Leonor, pelo apoio e incentivo, sem o qual nada seria possível.

## **RESUMO**

### **PICOTE, A INTERPRETAÇÃO DO SÍTIO COMO PROCESSO CRIATIVO**

**MARIA BENITA DA SILVA AZEVEDO**

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem, Picote, Moinhos, Ribeiras, Percursos

#### **RESUMO**

O local está definido na aldeia de Picote, onde se observa a contaminação entre a ruralidade profunda e a alta tecnologia que surgiu através da construção da barragem hidroelétrica na aldeia.

A questão colocada reside sempre na forma de como se poderá continuar, atualmente, essa contaminação que se iniciou de uma forma pensada e justificada, investigando de que modo a arquitetura poderá alterar realidades que começam a deteriorar-se.

A filosofia do trabalho determinou-se desde o início, pelo acrescentar sem retirar o essencial, trabalhar a pequena escala com base no corpo, mas também abordar deslocações para enfatizar experiências, como se se treinasse a habilidade arquitetónica de estimular o que já existe no lugar. Perceber a importância da água, ver a natureza no outono e revê-la na primavera, percebendo o seu perene e inconstante, adormecer e acordar no lugar.

A minha proposta consiste na intervenção num espaço, criando estruturas que têm funcionalidade num determinado momento. Que permitam através da sua utilização, a compreensão do local, mas na qual a forma de intervir tenta ser o mínimo intrusiva e com o seu término, com facilidade se voltará a regenerar.

# ÍNDICE

PRÓLOGO

RESUMO/ABSTRAT

INTRODUÇÃO

1. PARTE INVESTIGAÇÃO DE ENQUADRAMENTO)

1.1. BREVE REGISTO DE ARQUITETURA E HISTORIA DE

PICOTE

1.2. COMPLEXO DO BARROCAL

1.3. ARQUITETURA CONDICOES E INFLUENCIAS

1.3. ARQUITECTURA POPULAR

1.4. ARQUITETURA VERNACULAR

1.5. PAISAGEM

1.6. CAMINHAR

1.7. PATRIMONIO

1.8. MOINHOS

2. PARTE (ANÁLISES, DESENHOS)

3. CASOS DE ESTUDO

3.1. CAMINHOS DA ACRÓPOLE

3.2. A ROTA DO PEREGRINO DO MÉXICO

3.3. MINAS DE SLLMANNJVET

4. PROJETO DE ARQUITEURA PEÇAS ESCRITAS

4.1. DESENHOS DO LOCAL

4.2. LEVANTAMENTO FOTOGRAFICO

4.3. PAISAGEM COMO IDENTIDADE

4.4. FORMA DE INTERVENÇÃO

4.5. PROGRAMA

4.5. MÓDULO

4.6. MATERIAIS

5. PROJETO DE ARQUITETURA PEÇAS DESENHADAS

6.

## **PRÓLOGO**

Este projeto nasceu do culminar de vários interesses, desde a arquitetura, ao caminhar, passando, agora, pelo reavivar do meu percurso acadêmico. Um processo que reativou a minha identidade, que urgia transformar, questionando a minha permanência como arquiteta.

## **ABSTRACT**

The location is set in the village of Picote, where the contamination between the deep rurality and the high technology that emerged through the construction of the hydroelectric dam in the village can be observed.

The question posed always resides in the way in which this contamination that started in a thoughtful and justified way can be continued, investigating how architecture can change realities that are beginning to deteriorate.

The philosophy of the work was determined from the beginning, by adding without taking away the essentials, working on a small scale based on the body, but also approaching displacements to emphasize experiences, as if training the architectural ability to stimulate what already exists in the place.

Realizing the importance of water, seeing nature in autumn and seeing it again in spring, realizing its perennial and inconstant, falling asleep and waking up in place.

My proposal is to intervene in a space, creating structures that have functionality at a given moment. That allow, through its use, the understanding of the place, but in which the way of intervening tries to be the least intrusive and with its end, it will easily regenerate.



Figura 2

## Introdução

A aldeia de Picote, em Miranda do Douro, na província de Trás-os-Montes é neste projeto de mestrado, o lugar de pesquisa onde pretendemos investigar a disciplinaridade nas relações entre o observador andante, a arquitetura e a paisagem. Iniciando-se uma abordagem por conceitos de espaço rural, paisagem, infraestruturas de apoio, arquitetura vernacular, moinhos e abrigos e uma nova arquitetura.

Numa primeira visita ao local, ainda sem programa concreto, constatou-se que este território, que compreende a aldeia de Picote e o complexo da barragem de Picote, afastados cerca de 2km entre si, projetam-se para diferentes extremos, entre a arquitetura vernacular da aldeia e a arquitetura moderna do complexo de apoio à barragem, o aglomerado rural e o aglomerado urbano, entre o pensamento rústico e o erudito (tecnológico) respetivamente, que resulta em dois modelos coesos, nas suas várias particularidades, mas distintos.

A abordagem programática, num local com dois polos arquitetónicos, sociais e urbanísticos extremamente fortes, não poderá ter como objetivo apenas a valorização de situações já consolidadas. Estas considerações levaram a procurar caracteres adicionais que revelassem novas variantes neste contexto.

Se os processos anteriores estão consolidados, a abordagem arquitetónica na paisagem, poderá ser o "input" procurado. A relação entre caminhar e a paisagem, como tema, encontra elementos comuns entre as duas realidades existentes, em que os seus habitantes percorrem caminhos que alteram a paisagem, mas sem disso estarem conscientes. Caminhar é base daquilo que somos como espécie. Caminhar é habitar a paisagem?

Ao criar novos lugares através de memórias existentes, poder-se-á encontrar uma forma de criar novas narrativas, como se fossem palimpsestos descritivos de épocas diferentes. A recuperação de caminhos que já desapareceram, incluindo os percursos que circulam por sedimentos antigos da paisagem, transformar-se-ão em mapas que permitam cartografar lugares de encontro, ermitérios, castros, árvores seculares, através de experiências que recuperam formas dessa paisagem identificadora.

Pode a visão do rio, o descer da escarpa, a sombra árvore, ou avistar as aves, como manifestações das identidades naturais, serem interpretados e relacionados, e com essas conclusões, criar a introdução de outros elementos que nos levem a novos paradigmas.

Imersos no experienciar dos caminhos de ligação entre os dois extremos encontramos outras paisagens culturais, que têm origem na condição

geográfica e religiosa desta cultura, as construções que determinaram outrora novos lugares.

As ruínas dos vários núcleos de moinhos, já abandonados, velhos complexos de produção industrial para a aldeia, que incluíram uma nova matéria no projeto, a água que se movimenta e que os liga entre si.

E o ermitério, uma construção monolítica, um abrigo que, para nós, introduz novos significados, a escala humana e questiona o que é o habitar.

A metodologia escolhida varia entre a observação, apropriação do local através do caminhar e do desenho, na descomposição construtiva e paralelamente, na análise baseada em ensaios de outros modelos de intervenção (casos de estudo).

O conceito intervenção em espaço aberto sugere e relaciona intervenções dispersas no local, que os percursos permitirão dar a conhecer, e a apropriação de construções, que criam novos objetos na paisagem.

Oferecer novas poéticas para este local, como estar mais próximo dos pássaros, numa dimensão à escala da natureza e de outros modelos de uso. A ruína que se transforma em novo e a que se transforma em natureza, e oferecer às pessoas o uso público dessas arquiteturas.

## ENQUADRAMENTO E METODOLOGIA

Aldeia de Picote, e o complexo do Barrocal, também chamado de Picote, constitui território comum ao trabalho de projeto de 5º de mestrado dos alunos André Silva, Tharly Bolsoni Benevides e ao meu trabalho de mestrado.

Todos os trabalhos objetaram temáticas diferentes, e consistem no desenvolvimento de um Centro Animal, do André Silva, um Centro de Interpretação do Moderno no Douro Internacional do Tharly Bolsoni Benevides e o meu trabalho sobre a paisagem e os moinhos.

Apesar de não haver interação projetual entre os vários trabalhos, a descoberta do local foi feita em conjunto, partilhando assim a parte inicial do processo.

### **1º Parte** Território

Visita inicial à aldeia de Picote e a Miranda do Douro, onde se faz a análise do contexto para o projeto;

Baseado na análise do local, procedeu-se à escolha de um tema e à consequente abordagem para possível programa base.

### **2º Parte** Conhecimento do local

Novas visitas a Picote;

Levantamento fotográfico da totalidade dos moinhos e respetivas levadas (aproximadamente 24);

Levantamento arquitetónico dos 14 moinhos a intervir;

Realização de fichas descritivas dos moinhos;

### **3º Parte** Documentação técnica

Reuniões com o Sr. presidente da junta de freguesia, Dr. Jorge Lourenço e visita ao local, na sua companhia para identificação dos elementos a considerar mais importantes, tendo em conta a sua dispersão no território;

Análise do PDM de Miranda do Douro para o local e da legislação em vigor do Parque Natural do Douro Internacional;

Reconhecimento de três trilhos. Ligação entre o Barrocal do Douro e o ponto de pesca junto ao Rio Douro, entre Picote, Ermitério dos Santos e o Castro de Cigaduonha. Os dois primeiros seguindo trilhos existentes e terceiro, percurso de ligação entre todos os moinhos da ribeira até ao Rio Douro;

### **4º Parte** Pesquisa teórica

Leituras sobre a temática da paisagem, ruínas, moinhos, percursos, arquitetura em geral e sobre Picote;

Definição de um trilho principal;

Análise constitutiva do território a trabalhar;

### **5º Parte** Definição do programa e projeto final

Trabalho de projeto de arquitetura dos vários edifícios em várias escalas;

Realização de maquetas de trabalho.

## **Parte 1**

## **Investigação**

### **1.1. Localização**

A aldeia de Picote encontra-se no Parque Natural do Douro Internacional, concelho de Miranda do Douro, distrito de Bragança.

Faz fronteira com as freguesias de Sendim a poente, com Palaçoulos a norte, a nascente com Vila Chã da Braciosa e a sul com o Rio Douro.

Localiza-se à altitude de 634 metros, tem 19,95 km<sup>2</sup> de área e 301 habitantes (Censos 2011), dista aproximadamente 250km da cidade do Porto e 500km da cidade de Lisboa.

### **1.1.1. Breve registo Arqueológico e Histórico de Picote**

A aldeia de Picote, teve ocupação humana desde a pré-história até à atualidade. Esta afirmação tem por base o numeroso material arqueológico encontrado no local, referente à Idade do Ferro e à Era Romana, encontrados ao longo do século XIX e XX no local.

Para além de lapides funerárias e estelas, foram encontradas moedas romanas, objetos de cobre, broches, tijolos de barro romanos, anéis, fibulas, etc. Encontradas quer de forma espontânea, quer através de intervenções arqueológicas. Foram encontradas imagens zoomórficas em pedra, normalmente designadas por berrão, e uma gravura, descoberta num afloramento, chamada o arqueiro (cena de arremesso com arco em tensão).

Efetivamente, alguns desses achados foram noticiados na revista "O Archeólogo Português", publicada desde 1895, edição do Museu Nacional de Arqueologia. através de várias publicações referentes a achados encontrados nesta povoação, que incluíam a representação das peças em desenhos.

Com a reorganização do espaço aquando da ocupação romana, ocorre um progressivo, mas rápido, abandono de outros povoados fortificados (castros).

A concentração destas populações no povoado de Picote/Castelhar concedem-lhe a dimensão que o terá tornado sede de civitas. Uma unidade administrativa comparável aos atuais concelhos, embora, comparativamente mais extensa que a de hoje em dia.

Durante o Império Romano, a civitas que tinha Picote por sede devia abranger o espaço que hoje se designa por Terras de Miranda. As mais de vinte estelas funerárias romanas, esculpidas em mármore num ornamentado estilo distinto e com epitáfios em latim, constituem o maior conjunto do Nordeste português e estão atualmente nos museus de Miranda do Douro e de Bragança, tendo sido encontradas junto da atual capela de Santo Cristo e terrenos adjacentes. O que permite supor que no alto dessa colina se localizava a necrópole romana. Foram também encontrados, mas não conservados, restos de construções romanas e um casal rural romano (vila) próximo do Picão de Penha d'Alva.

É pouco provável que o povoado tivesse sido afetado ou abandonado durante as incursões islâmicas pelo norte da Península. Nestes contextos de maior instabilidade o "castelo" da Escalada, um local com excelentes condições

Letter ANSI A Landscape



Figura 3 Mapa de Portugal

Letter ANSI A Landscape

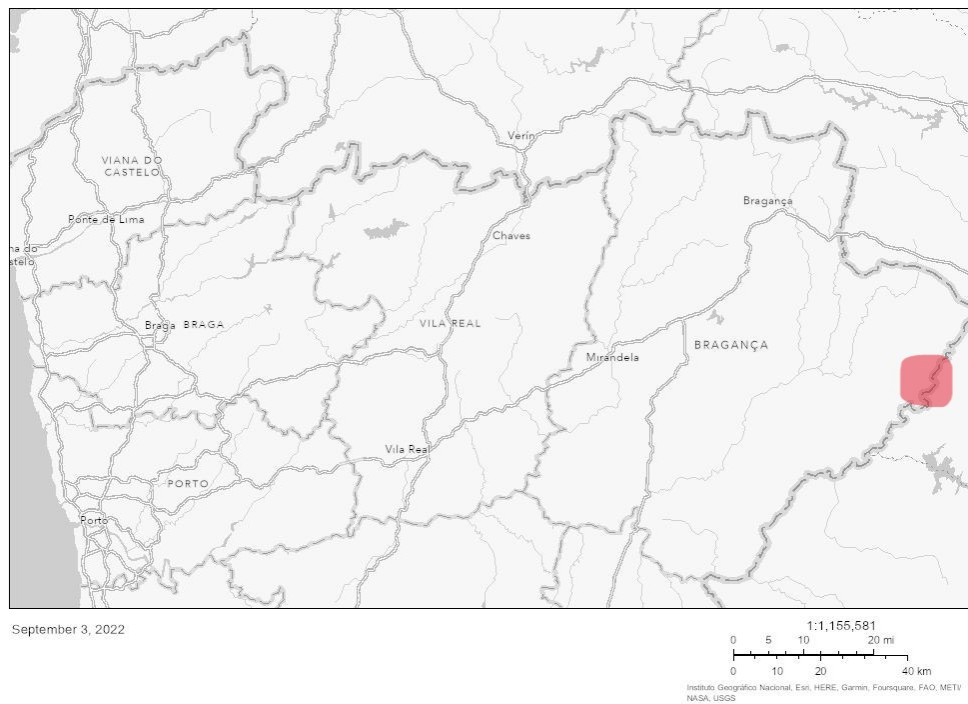


Figura 4 Mapa do Norte de Portugal

naturais de defesa e onde têm sido recolhidos fragmentos de cerâmica medieval e uma moeda leonesa, poderia ter servido de refúgio temporário às

populações ameaçadas. Nas Inquirições do século XIII, Picote é sede de paróquia, o que parece atestar que se trata de um aglomerado habitado de forma continuada, mas onde em 1530 se contavam apenas 62 habitantes.

A mais emblemática construção de origem medieval, mas bastante alterada ao longo do tempo, é a capela de Santo Cristo dos Carrascos, implantada no local elevado que terá sido necrópole romana. A qual poderia estar a ocupar um local de culto ainda mais antigo. Junto à Igreja matriz existem sepulturas medievais esculpidas na rocha, hoje subterradas.

Em 1796 Picote tinha 71 fogos e 227 habitantes, ocupados na sua maioria na agricultura (90) e em outros ofícios, como é o caso do notável grupo de 8 fabricantes de lã, mas também alfaiates, sapateiros, carpinteiros e ferradores." (1)

Curiosa será a descrição das notícias arqueológicas "de Picote, no termo de Miranda" no Dicionario Geographico de Portugal, (século XVIII), que referem as "tradições" do local, nomeadamente a sua ocupação e designação moura, as sepulturas nas fragas, ou a sua muralha:

"Ha pertencentes a esta aldea tres capellas hua das quaes fica para o Nascente distante dous tiros pouco mais, ou menos, intitulada do Santissimo Christo dos Carrascos, a qual foi algum dia Igreja principal desta Parochia,....Ha tradição de que esta Capella foi mesquita de Mouros, e ainda as paredes desde a parte do Nascente athe o meyo indicão a sua antiguidade. ....As antiguidades de que há tradição vulgar são as seguintes: Que este lugar foi cidade chamada Del Cueto denominada pelo Mouros; ha dentro delle, e ainda por fora para a parte do Douro, sepulturas abertas a pico em fragas de canteria; conservão-se vestigios de hua fortaleza para a parte Nascente em distancia de hua legoa apartadas do Rio douro couza de hum tiro de mosquete, no sitio a que chamão Cigaduenha, limite desta mesma aldea, aonde ainda se diviza por seus alicerces a muralha com o ambito de seis geiras de arado, que levarão nove ou des alqueires de semente, com a porta principal par a parte do Norte. Mostra-se que em circuito do mesmo muro havia hua calçada de pedras, entre as quaes se seguravão outras que sobresaião na altura de tres palmos em fileiras com distancia de palmo e meyo de pedra a pedra, interpoladas de forma que as de hua ficavão na direytura dos vãos, e intermeyos da outra de forma, que por ella se não podia caminhar via recta e ainda hoje se conserva parte, de largura de vinte passos com pouca differença; aqui em pouca distancia, para a parte Nascente, existe hua fraga levantada a modo de baluarte com o nome de castello de las Rucas; nella se achou há pouco tempo hum alfange todo de metal amarello. Mais abaixo, distante desta aldeia pouco mais de um tiro de bala, entre o Nascente e o Sul, ha outra fraga alta, desta parte tambem de Portugal, na margem do Rio Douro com degraos abertos na

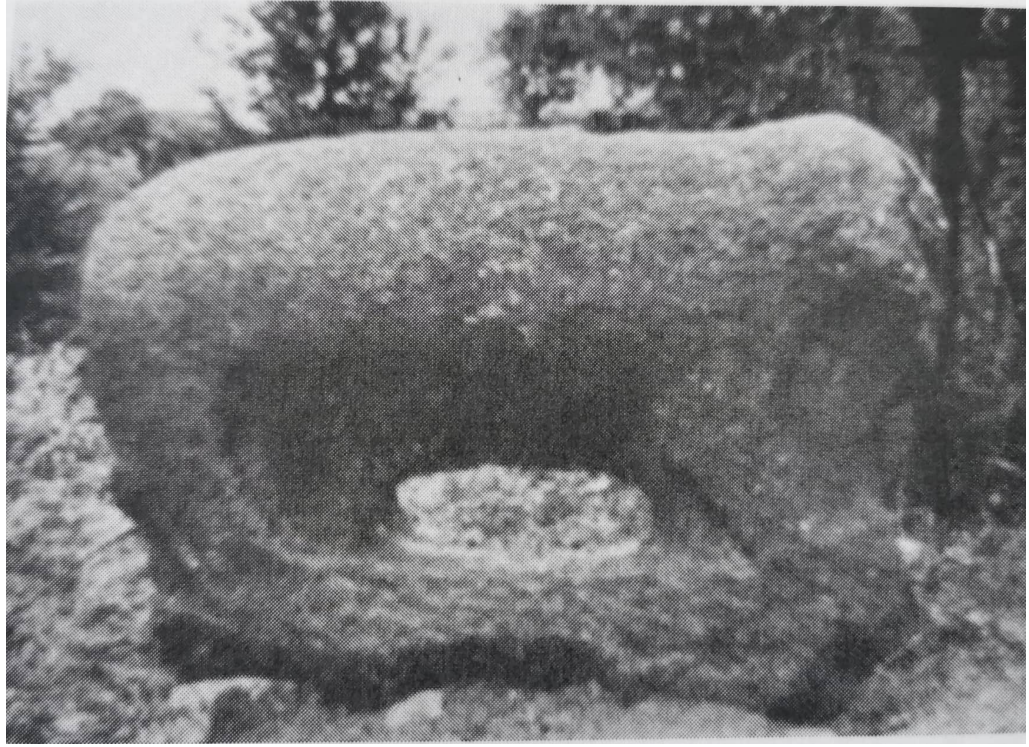


Figura 4 O grande berrão de Picote, 1952

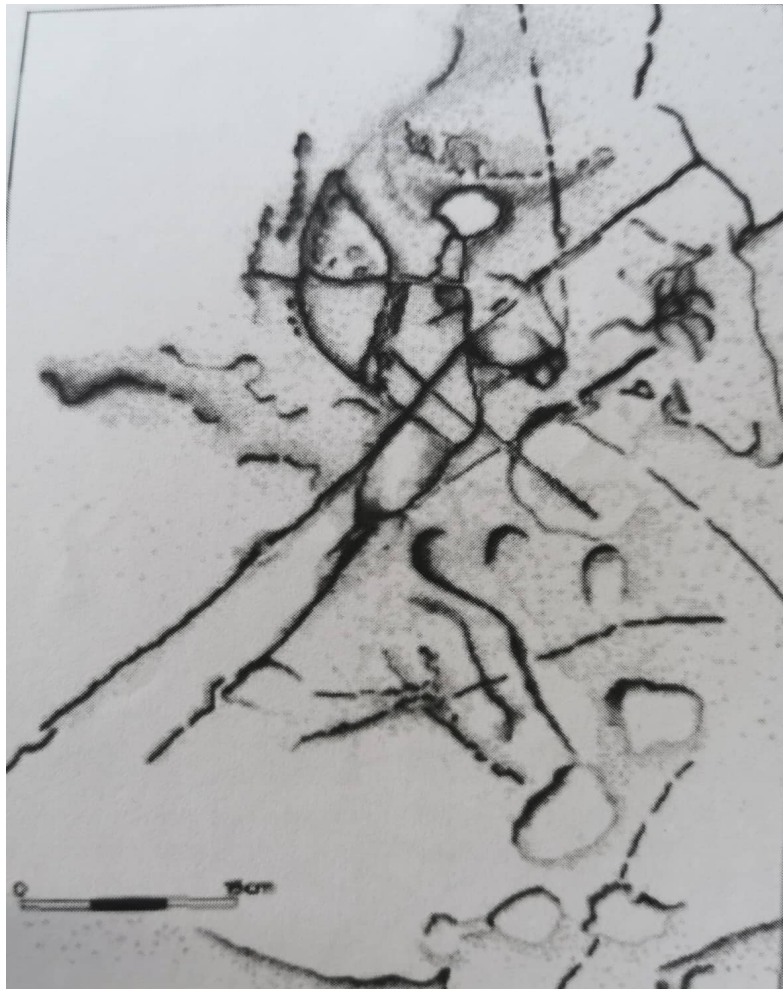


Figura 5 O arqueiro da fraga de Puio

canteria da mesma fraga, no cimo da qual ainda se achao signaes de muro e pedaços de argamassa. Pello meyo desta fraga desce hua concavidade profunda, em cuja boca se acha hua pedra preta, differente das que há em aquelle sitio, que está cobrindo a mesma boca; he inacessivel, e na rais desta fraga, para a parte do Douro, se ve distilar agua, ou licor de cor de ferrugem” (Tom.XXIX, fl.1237).”(2)

Com a apresentação deste texto pretendemos salientar a importância deste lugar, estratégico na sua topografia e localização, garantindo a subsistência à sua população (quer de forma nómada ou permanente), dentro do seu perímetro, permitindo uma ocupação humana de forma persistente desde a pré história, criando uma continuidade de ocupação do local há mais de dois mil anos.

### **1.1.2. Complexo do Barrocal**

Barrocal do Douro (\*)

O Complexo Barrocal do Douro (\*), encontra-se na mesma divisão administrativa que Picote.

Assim, paralelamente à história da aldeia de Picote, com mais de dois mil anos de existência, tal como acima referido, temos o Complexo do Barrocal planeado e construído num período de tempo aproximado de 10 ou 15 anos. Consideramos importante registar que, na mesma freguesia, se verifica a existência de dois tipos de povoamento totalmente diferentes. Um povoamento rural na aldeia inicial de Picote, e no complexo de Barrocal um povoamento urbano, mas existindo claramente separados.

Integrado na campanha de eletrificação do país, a Hidouro-Hidroelétrica do Douro, S.A.R.L., constituída na conjuntura de uma estratégia de desenvolvimento e modernização do país, que passava, necessariamente, pela rentabilização dos recursos energéticos, empreendeu a construção de três centrais hidroelétricas no rio Douro Internacional. Designadamente as barragens de Picote, da Bemposta e de Miranda do Douro.

A convite dessa empresa, os arquitetos João Archer Carvalho, Manuel Nunes de Almeida e Rogério Ramos, formados na Escola de Belas Artes do Porto, compõem a equipa técnica que iria projetar os três complexos numa nova conceção da arquitetura europeia, baseada na discussão formal e ideológica dos cânones do Movimento Moderno e dos princípios da Carta de Atenas.

(\*) Uma vez que o trabalho aborda os dois lugares de Picote, de forma a não provocar confusões, irei chamar Complexo Barrocal ao complexo associado à Barragem de Picote, e Picote ao aglomerado rural.

(1)Site da Junta de freguesia de Picote ([jfreguesia.com](http://jfreguesia.com))

(2)Arqueológico Torre do Tombo

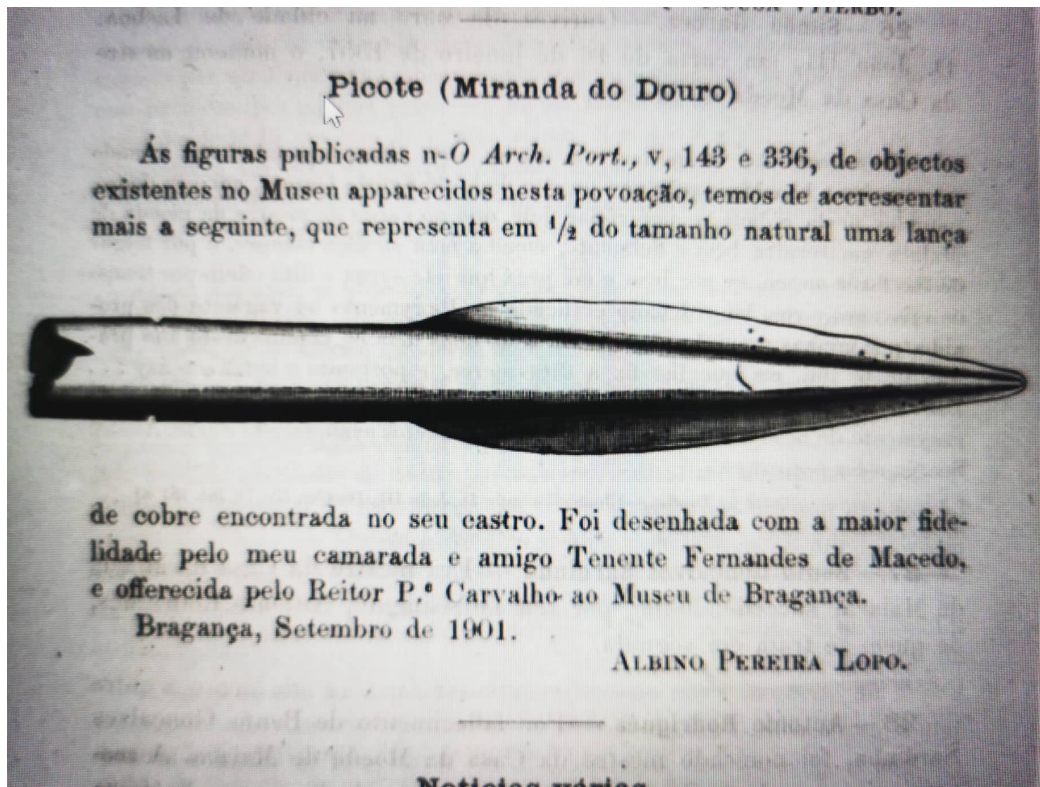


Figura 7 Notícia da revista o Archeologo Português



Figura 8 Barrocal

Trata-se de um projeto para um conjunto de edifícios com uma linguagem arquitetónica modernista, que para além dos edifícios técnicos associados à

barragem previa um programa polifuncional distribuído por várias zonas de uso habitacional, hoteleiro, religioso, de lazer e recreio, comércio e serviços, e construções técnicas construídos para alojar os cerca de 5.000 funcionários da barragem.

O plano para o aldeamento de Barrocal do Douro, foi executado no âmbito da construção da primeira barragem que iria ser inaugurada no troço internacional do rio Douro. Tendo sido iniciada no ano de 1953, entrando em funcionamento em 1958, afastada cerca de 4km da aldeia do Picote, num local sem quaisquer preexistências construtivas.

Tratou-se de um plano ambicioso, completo e inovador para a época em Portugal, que iria promover novos valores económicos, sociais, arquitetónicos e urbanísticos, demonstrando o domínio do controlo do projeto desde a grande escala até ao pormenor do detalhe.

Urbanisticamente, o conjunto, englobando o edifício da pousada, as casas unifamiliares isoladas, a capela, as casas dos operários, ou as casas pré-fabricadas de uso temporário para os operários das obras em execução, encontra-se adaptado às diversas cotas topográficas do terreno, implantado nas condições naturais e paisagísticas daquele lugar. Tendo ainda sido realizado um estudo paisagístico de espécies arbóreas compatíveis com o clima que iram redefinir a paisagem.

Tal como foi referido, todo o plano encontrava-se baseado nos princípios arquitetónicos e urbanísticos modernistas internacionais que se encontravam a ser desenvolvidos, quer na Europa, quer no Brasil.

Assim, características modernistas como a modelação de volumes simples (em que o volume é definido por superfícies), os pilotis, criando os espaços vazados, a fachada livre, as janelas desenhadas na horizontal, a repetição de tipologias, o rigor no desenho da organização, as novas tecnologias que a eletricidade trazia às construções, os materiais, as cores e as necessidades de uma sociedade que existia tão distante deste local, foram propostas aqui para uso de todos os seus habitantes, incluindo os locais.

Note-se que, apesar dos autores dos projetos utilizarem o recente discurso modernista, não deixaram de demonstrar uma compreensão construtiva das qualidades dos materiais de uso local, como o granito ou o xisto, associados a uma ideia mais formal das casas locais.

Porventura, hoje em dia, observar a linguagem arquitetónica modernista não causa surpresa. Pelo contrário, entende-se quase como uma normalidade de discurso. Contudo, depois de visitar a aldeia de Picote ou outras aldeias em redor, a diferença não deixa de ser intrigante. Percorrer as ruas deste local, onde apesar de bastante diversidade de edifícios, a leitura é sempre a mesma, todos os edifícios com mais de 60 anos passados, pelas suas características pela sua disposição são emblemáticos arquitetonicamente, representantes do espírito modernista num sítio tão inóspito.

O sítio do Barrocal do Douro apesar da sua localização no meio rural, com bairros de habitações com pequenos jardins para as famílias dos trabalhadores da barragem e os edifícios de apoio a essa vivência como a escola, capela, centro comercial, não se encontra na presença de uma ocupação agrária dos terrenos em redor. Lá, o cultivo remete-se apenas para os pequenos logradouros e a manutenção dos jardins.

## **1.2. Arquitetura**

Condições gerais e influências

A estrutura do território português, e relativamente a de Trás-os-Montes, é formada numa unidade representada pelo maciço antigo ibérico constituído por terrenos graníticos do ponto de vista da geologia.

O relevo do nordeste transmontano, é constituído por retalhos planálticos, com uma distribuição de altitude que varia entre os 400m a 900m, tendo sido necessário a adaptação da agricultura ao acidentado relevo, a qual se processou através da construção de socacos nas vertentes das montanhas. O clima para lá da barreira montanhosa do Minho, devido à existência de vastas áreas planálticas, retalhada por blocos sob erguidos, com uma diversidade topográfica e uma maior ação continental, alia-se a uma diminuição dos valores de precipitação e uma rarefação do tipo de povoamento, verificando-se o aumento da temperatura quando se encaminha para a raia no verão, e no inverno por períodos de chuva que podem durar semanas.

#### Paisagem rural

A delimitação dos campos agrícolas na generalidade depende da natureza e da economia da região. O tipo de campo que se observa em Trás-os-Montes são os campos abertos e contínuos, com um relevo uniforme, chuvas pouco abundantes, carência de água, clima com um longo e frio inverno, e um verão quente e seco. O que fazia com que os terrenos precisassem de ser intercalados por períodos de descanso na rotação das culturas, alterando de cereal para pousio, durante o qual, serviria para pasto dos rebanhos ovino e caprino, garantindo a estrumeação para recriar as terras em repouso.

#### Tipo de povoamento

Para esta forma de exploração agrícola, em campos abertos e contínuos, a terra tem de estar unida, intercalada por descampados, o gado reunido em grandes rebanhos, as propriedades extensas, o povoamento concentrado, trabalhando de uma forma coletiva. Assim, nas povoações, as ruas são estreitas, por onde se acede às casas e ao curral, com casas dispostas à volta de um centro, normalmente a igreja, casas essas pegadas pelas paredes laterais, de forma a criar uma verdadeira comunidade, uma certa organização social e económica de forma a ultrapassar as dificuldades impostas pela natureza.

#### Atividade de produção

A ocupação da população dos povoamentos rurais relaciona-se com a exploração da terra, quer através das atividades agrícolas, com culturas diversificadas como trigo e centeio ou a batata, a artichada e a fruticultura (principalmente os frutos secos), quer do pastoreio e a criação de gado.

### **1.3. Arquitetura popular**

#### Arquitetura popular portuguesa de Trás-os-Montes

Na construção da casa tradicional usam-se apenas materiais simples e processos de construção rudimentares, possuindo vincada expressão regional e local.”, escreveu Orlando Ribeiro (3).

Nesta região a norte de Portugal, o tipo de casa mais frequente é a casa serrana.

Trata-se de construções constituídas por dois pisos, de planta quadrada ou retangular, prevendo-se no rés do chão a corte do gado e no andar sobrado, que é normalmente acessível através de uma escada exterior de pedra, uma ou duas divisões. O telhado é de duas ou quatro águas e pode ser coberto por telha caleira, placas de xisto, lousa ou colmo segundo a sua situação geográfica.

As casas eram construídas em granito, raramente aparelhado, e em xisto sem argamassa ou reboco, ou calcário e demarcava com exatidão os seus afloramentos, muitas vezes sem esquadria, e utilizando blocos tal como saiam da pedra próxima.

Caso o aparelho fosse em xisto, normalmente em pequenas lajes (que em Picote surge poucos casos) as ombreiras, padieiras e aventais, teriam de ser madeira ou granito, normalmente em grandes blocos.

Como elemento particular destas construções que se localizam à face da rua, e tal como foi já referido, são quer as escadas exteriores em pedra, encimadas por um patim coberto por um alpendre de madeira que dão acesso à habitação no primeiro andar, e a porta ou portão carral de grandes dimensões, por onde se fazia o acesso ao piso inferior com os carros de bois cheio de cereais.

Em Picote, o número de casas com porta carral, é muito grande, o que a torna um elemento muito caracterizador da aldeia.

Este tipo de porta, exemplar da região de Miranda de Douro, torna-se o elemento central na fachada da casa. É normalmente encimada por um telheiro, delimitada por grandes peças de granito, com um desenho muito particular nas ombreiras dada a sua altura. O seu portão, com duas folhas em grossos taboões de madeira, pregueados de grandes cravos de ferro pintados em cores fortes. Na folha mais larga tem uma porta mais estreita e baixa, o postigo, usada para o acesso das pessoas ao interior da casa, dando normalmente acesso ao pátio ou curral, local onde se guardam os utensílios agrícolas, os carros de bois e onde também se trabalha.

“Textura e nobreza dos naturais....

A pedra que, penosamente, foi cortada sob o sol escaldante; a madeira, contando toda a sua história centenária, no emaranhado dos seus veios; a telha humilde que formas toscas e mãos calejadas ofereceram em holocausto ao sol, nos terreiros da cozedura...Portanto, nobreza na humildade e majestade, na presença que cada um de tais elementos acusa fortemente para si. E a sabedoria, na maneira como os homens souberam deixá-los falar por si mesmos, e os sujeitaram às vicissitudes das necessidades e às contingências da sua utilização.

Desde a fala reticentes dos muros encastelados que toscamente, separam os lombos hirsutos de restolho, até às paredes -polifonia adustavam que os volumes acompanham a extrema maleabilidade dum material que só aparentemente é regido e inerte -; desde os vãos, tomados pelo negro do vazio ou pelo escuro das madeiras queimadas pelo tempo, até às coberturas fortemente estreadas pelas nervuras das capas e canais dum vermelho que se vai esvanecendo ou que ficou reduzido a um trágico tisonado de velhice;paisagem, casas e homens aparecem-nos talhados pela mesma forma dos ciclopes, ainda que gigantes caseiros, criados a migas de vinho e embalados no marcado passo de Miradum.” descrição aos materiais feitas no livro “Arquitetura Popular em Portugal”. (4)

(3)Orlando Ribeiro “Opúsculos geográficos” IV volume O mundo rural  
Fundação Calouste Gulbenkian/Lisboa, 199

(4)“Arquitetura Popular em Portugal”, Zona 1, Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitetos, 1961

Figura 9 Habitação com porta carral



#### **.4. Arquitetura vernacular**

"A abordagem à arquitetura popular pode também ser chamada "vernacular" ou regional, estabelece relações essenciais entre as necessidades humanas e o espaço ou "meio" onde elas se processam." escreveu José Manuel Fernandes. (5)

"O património construído vernáculo é a expressão fundamental da identidade de uma comunidade, das suas relações com o território e, ao mesmo tempo, a expressão da diversidade cultural do mundo. O património vernáculo é o meio tradicional e natural pelo qual as comunidades criam o seu habitat. Resulta de um processo evolutivo que inclui, necessariamente, alterações e uma adaptação constante em resposta aos constrangimentos sociais e ambientais." escreveu José Emanuel Pereira Fernandes. (6)

"Vernacular architecture does not go through fashion cycles. It is nearly immutable, indeed, unimprovable, since it serves its purpose to perfection. As a rule, the origin of indigenous building forms and construction methods is lost in the distant past. Benard.", escreveu Benard Rodufsky. (7)

"Num país ainda com vias de comunicação insuficientes e em que a maior parte do povo vive em grande pobreza, as matérias-primas não suportam grande transporte e têm, por esta razão, aplicação em espaço limitado, disse H. Lautensach em 1932.

A "Sustentabilidade" encontra-se nos princípios da arquitetura vernacular. As construções de carácter popular usavam materiais naturais de aprovisionamento local, processos de construção artesanais e materiais existentes no local ou nas proximidades, criando soluções passivas, simples e engenhosas, de climatização e ventilação face às suas características geográficas, insolação, orientação, geometria, formas materiais etc. (8)

Assim, a arquitetura existente no local resulta da forma como os povos conseguiram resolver os problemas da adversidade do clima. Nomeadamente com o tipo de telhado, a espessura das paredes, o agrupamento das casas, e a dimensão das janelas, dependendo dos materiais do local, da ocupação que tinham, e às quais se juntavam as particularidades das ferramentas que utilizavam no trabalho do campo.

Estes processos não são contaminados por modas ou ciclos de pensamento, e porventura o seu afastamento dos focos de cultura das grandes cidades, o uso da mão de obra local, associado ao saber das artes ser transmitido de forma

oral, resulta na sua originalidade.

Ao observar as casas de Picote, poder-se-á diferenciar a casa quinhentista das restantes, que tem continuidade com as construídas no séc. XVIII. Há elementos repetidos continuamente nos volumes, na cêrcea, no método usado para construir uma porta ou uma janela e na forma como se desenvolve o interior, que respeita a vivência do dia a dia da população. Há como uma quase perfeição encontrada que permanece.

Aparentemente não se encontra manifestações particulares dos construtores, podendo haver registo das suas assinaturas na pedra, no entanto não se constatava algo relevante na obra final.

Existe também a particularidade de a ocupação do seu habitante alterar a



Figura  
Porta carral

10

forma como se compõe a compartimentação interior da habitação. Por exemplo, na casa de um sapateiro talvez não haja porta carral, mas na casa de uma tecedeira, terá de haver um compartimento para o tear. Assim, o tamanho da parcela de terreno, da topografia e a disponibilidade monetária na qualidade, assim como o trabalho da pedra, poderão caracterizar a arquitetura.

Na aldeia, o armazenamento, recolha e disponibilidade da água no meio rural, reflete-se no número de fontanários, bicas, tanques ou cegonhos.

Outros elementos, localizados no centro das populações ou dispersos pelos

campos, caracterizam o território.

A imprevisibilidade da rentabilidade agrícola, resulta na edificação de pombais, que localizados afastados das populações, garantiam alimento aos animais selvagens, afastando-os dos animais domésticos, e a sobrevivência das populações.

A existência de pequenos abrigos isolados, construídos com pedras recolhidas nos campos, normalmente de planta circular, com cerca de 1,5m a 2m de largura no interior, um pouco mais que a altura de um homem, serviam unicamente para proteger os pastores de gado dos grandes aguaceiros e das ventanias, ou para guardar utensílios de trabalho.

Os abrigos de pedra ainda permanecem nos campos, no entanto, outrora, esta paisagem, apropriada pelos pastores, que a ocupavam com os abrigos fixos, mas também construíam abrigos móveis, inteiramente construídos em materiais vegetais, ou por cancelas móveis em madeira, que formavam um quadrilátero, onde se ordenavam as ovelhas, e em simultâneo se estrumavam as terras. Sendo que estes quadriláteros se deslocavam diariamente, estrumando um pedaço de terra de cada vez.

Ao longo das deambulações, deparamo-nos com covinhas, perfurações escavadas, pelos populares, nas rochas que serviam de recipiente para colocar a comida para os animais.

A importância do trabalho de análise à arquitetura popular pretende ser o enquadramento da aldeia de Picote, das construções que a rodeiam, e que faziam parte da comunidade, comparativamente ao complexo de Barrocal. Uma cidade modernista de escala reduzida com uma arquitetura que poderemos chamar de erudita.

Tendo por base a definição de erudito, como sendo o que é adquirido através do estudo ou do conhecimento.

- (5) José Manuel Fernandes "Arquitetura Popular - Uma visão regional e tradicional do espaço português", Imprensa Nacional-Casa da Moeda
- (6) José Emanuel Pereira Fernandes, "Arquitectura vernácula portuguesa: lições de sustentabilidade para a arquitetura contemporânea". Repositorio da Universidade do Minho, 216
- (7) "Arquitetura sem arquitetos" Benard Rodufsky
- (8) CARTA SOBRE O PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO VERNÁCULO ICOMOS, Cidade do México, 17 a 23 de outubro de 1999



Figura 11 Cegonho, pombal, abrigo e covinhas nas pedras

## 1.5. Paisagem

O termo "paisagem" poderá ter várias abordagens, consoante a disciplina a que se refere, desde paisagem geográfica, cultural, ecológica, filosófica, estética, urbana ou natural, sendo todas disciplinas que trabalham e estudam o território através da paisagem.

"Paisagem" designa uma parte do território, tal como é apreendida pelas

populações, cujo carácter resulta da ação e da interação de fatores naturais e/ou humanos.” , escreveu Francisco Caldeira Cabral. (9)

Pretendemos atuar na paisagem situada num território extenso, afastado de grandes aglomerados urbanos, mas que abrange dois tipos de espaço. O espaço da lavoura (rural) com as suas marcas específicas nos muros, nos tanques, e um espaço sem intervenções evidentes, em estado natural.

“Até agora, a paisagem foi tratada pelos lavradores-fazia parte das práticas da lavoura, cuidar da paisagem. Numa reunião da FAO em Paris em 1966, ouvi pela primeira vez um economista afirmar que agora o lavrador tinha de trabalhar como os homens da indústria, e que se o lavrador não tirasse daí o mesmo proveito, não se podia esperar que ele continuasse a ser, nas sua próprias palavras” o jardineiro do mundo sem renumeração”.(10)



A paisagem dos lavradores é a paisagem de campos limpos de pedras. Pedras essas que depois compõem os muros em socacos, transformando terrenos declivosos em espaços que suportam e individualizam árvores e plantas. Os lavradores delimitam ribeiros e rios, criam açudes e represas, escolhem as árvores e as plantações que lhe são mais favoráveis. Este tipo de paisagem, agrupa-se em redor de Picote e apresenta dimensões, contornos e limites que a caracterizam.

“O Parque Natural do Douro Internacional abrange parte dos concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro, Freixo de Espada à Cinta e Figueira de Castelo Rodrigo, no troço fronteiro do Rio Douro (numa extensão de cerca de 122 km). As margens escarpadas do vale profundo do rio formam desfiladeiros monumentais de grande espetacularidade que várias espécies de aves, ameaçadas de extinção a nível nacional e internacional, escolheram para nidificar, atraídas certamente também, pela proximidade das explorações agrícolas e pecuárias onde podem facilmente localizar e obter alimentos. De entre elas destaca-se o Abutre do Egito ou Britango, que foi escolhido como símbolo deste Parque.” (11).

A vegetação é caracterizada por bosques de zimbro, azinheiras, carvalhos, sobreiros e lódão. Encontra-se ainda o olival, a vinha, assim como amendoeiras e laranjeiras.



Figura 12 campo e o prado

O termo natureza (no domínio espontâneo das plantas e dos animais) não deixará de ser observado neste trabalho, face à classificação do território, não de uma forma técnica, dada a sua complexidades e particularidades, mas com consciência da sua presença.

O arquiteto paisagista e agrónomo Gonçalo Ribeiro Teles, definia paisagem do seguinte modo:

"A paisagem é tudo. De uma organização humana do território. A paisagem não é natural. É construída por elementos naturais. É do homem, como uma casa. O homem faz paisagem com materiais vivos e solo duro. É uma construção artificial baseada nas leis da Natureza. Os seus elementos estão sujeitos à lei da vida. Portanto há uma dinâmica e lógica da paisagem, da parte essencial da paisagem. Não podemos separar a paisagem e tratá-la como uma "coisa" para o turismo ou como um valor apenas de cenário.

A paisagem quer dizer pais, região+agem agir, ou seja, sobre a região." disse Gonçalo Ribeiro Teles. (12)

Pretende-se com esta descrição um retrato do pensamento a reter sobre paisagem.

O reconhecimento de que os sítios têm as suas dinâmicas, as suas memórias, mas também, vontades transformadoras capazes de as tornar material. Assim como, ferramentas de cultura como conhecimento e como parte das nossas vivências.

A intervenção humana edificando-se nestes territórios pretende promover relações relativas ao limite de acesso, podendo até intensificar essas intenções, enfatizando as qualidades da paisagem.

"A arquitetura é a transformação do espaço. O espaço é apenas perceptível quando é delimitado, assim como as cores só existem quando há luz. O espaço tanto exterior como interior, pertence que não se excluem reciprocamente. (...) O espaço não é frequentemente um espaço selvagem, mas antes um espaço humanizado, e a arquitetura situa-se muitas vezes nesta última categoria. Este lugar pode ser lido como um suporte físico, como dados de computador, mas também como um suporte com valores para observar e recordar. Termos como topografia, clima, orientação, acessibilidade, panorama, som, cultura e história dão-nos uma pista que adotamos de forma a compensar, identificar ou interiorizar as nossas propostas." escreveu Carmem Pigem . (13)

(9) Francisco Caldeira Cabral, "Fundamentos da arquitetura paisagista", Instituto da conservação da natureza, 1993. fl. 62

(10) Convenção Europeia da Paisagem Florença 20.X.2000;

(11) Descrição do Parque Natural do Douro Internacional , no site "Visit Portugal";

(12) Gonçalo Ribeiro Teles, Entrevista de Luís Chaves e de Maria Rosario Aranha, publicada no Jornal Pessoas e Lugares (2004)

(13) Carmen Pigem Revista Prototipo n.º 7 2002 p. 199

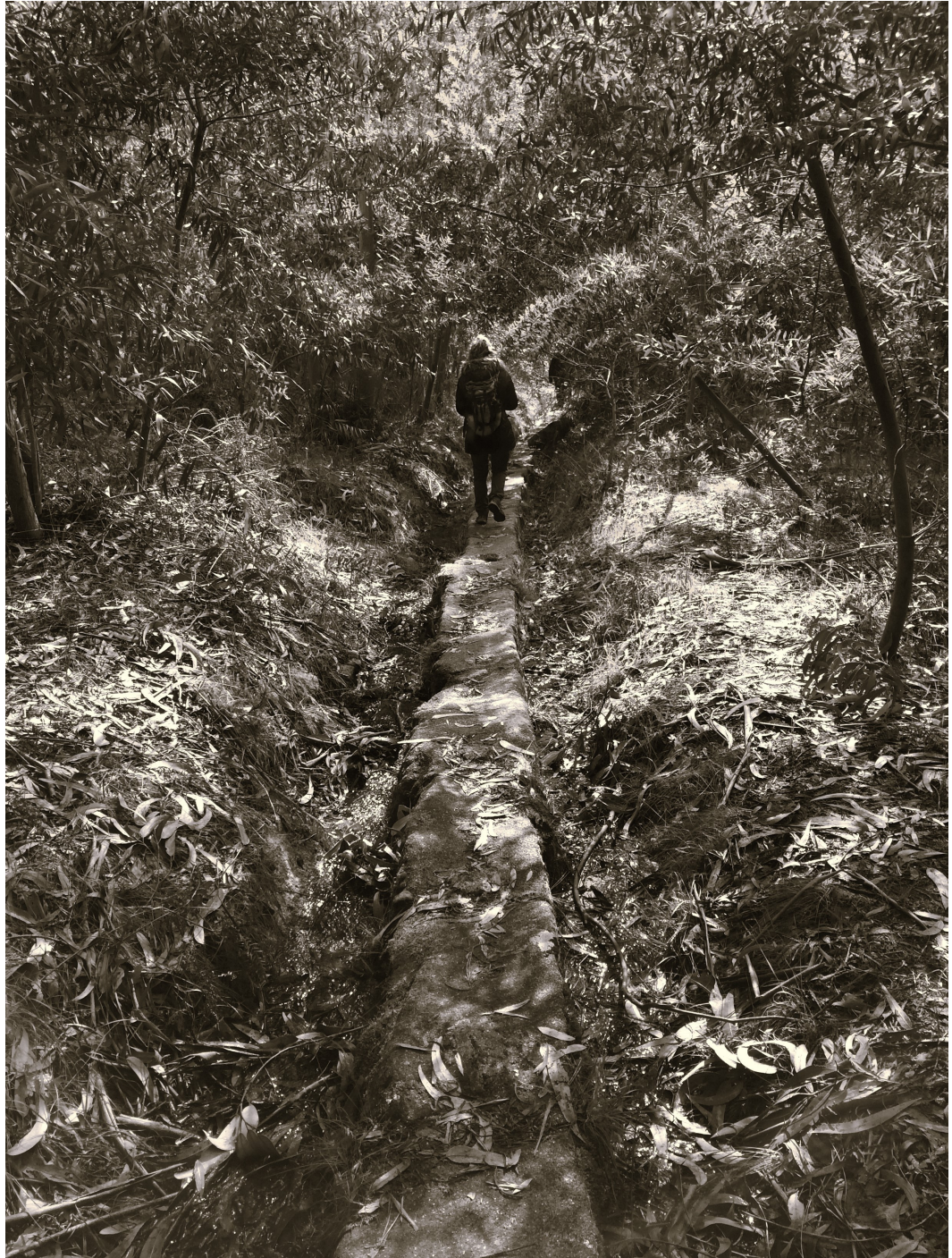


Figura 13 caminhante sobre levada coberta

## 1.6. Caminhar

O ato de caminhar na paisagem

"O caminhar produz lugares. Antes do Neolítico, e, assim antes dos menires, a única arquitetura simbólica capaz de modificar o ambiente era o caminhar, uma ação que, simultaneamente, é ato perceptivo e ato criativo, que ao mesmo tempo é leitura e escrita do território" , escreveu Francesco Careri.

(14)

Para identificarmos um lugar totalmente novo, podemos marcá-lo. A orientação depende do conhecimento que temos, das marcações que fazemos, e da sua memorização.

Se regressarmos ao sítio, estabelecemos uma rota. Tal como o fazemos na cidade, através de pontos de referência, da observação de certos pontos de vista, do som do trânsito, podemos repetir na paisagem esta demarcação, decompondo os seus elementos.

“O espaço habitado tem uma qualidade emocional, uma substancialidade afetiva.”

John Brinckerhoff Jackson diz mais ou menos o mesmo a propósito das paisagens quando estas são intensamente vividas e habitadas pela comunidade:

“É assim que deveríamos considerar as paisagens, não apenas em função da sua aparência ou da sua conformação a tal ou a tal ideal estético, mas também de acordo com a sua maneira de satisfazer as necessidades elementares, como a de partilhar algumas dessas experiências sensoriais num lugar familiar: as canções populares, os pratos populares, uma espécie particular de clima que seja suposto não ser encontrado em qualquer outro lado, um desporto ou um jogo especial, praticados unicamente nesse local. Estas coisas lembram-nos que nos somos ou que nós vimos de um lugar particular: um país, uma cidade, um bairro. Uma paisagem devia estabelecer ligações entre as pessoas, a ligação criada pela língua, os usos, a prática do mesmo género de trabalho, mas, sobretudo, uma paisagem devia conter o género de organização espacial que favoreça essas experiências e essas relações: espaço para juntar, para celebrar e espaços para a solidão. Espaços que não mudam jamais e permanecem sempre, tal como a memória no-lo pinta. Eis algumas das características que dão a uma paisagem a sua natureza única, que lhe dão um estilo e que fazem com que a recordemos com emoção.”, disse Jean-Marc Besse. (15)

“Podemos vê-las de cima, como os pássaros, ou do cume de uma montanha, numa espécie de afastamento e de sobranceira sintética, ou, então, olhamo-las a partir do meio, o que quer dizer que estamos por dentro e vemos as coisas pelo seu perfil, pelos seus lados, e nunca verdadeiramente de um modo completo”, disse Jean-Marc Besse. (16).

A partir da leitura de vários livros, surgiram várias questões.

Que relação podemos ter com a paisagem?

Como podemos habitar a paisagem?

No livro “A poética do espaço”, Gaston Bachelard considera “A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico” (17), como processo de investigação, consideramos o modo de conceber o espaço, com características afetivas e emocionais.

A localização múltipla do olhar no espaço, deriva da existência de movimento, da existência de elementos que possibilitam várias localizações do olhar, de vários pontos de vista que podem ter e dar impacto visual e novas interpretações ao percurso.

O caminhar permite reconhecer as vontades precedentes, as representações do homem na escolha de uma direção e não de outra, e que transformações foram produzidas na repetição do caminho.

Entendo esse processo como o princípio de mapear, onde se vai cartografando vários lugares, e que induz ou permite a descoberta de relações entre eles, criando uma possível ordem ou orientação. A marcação de linhas e pontos no território, determina curtos ou extensos eixos, que no absoluto podem não ter sentido, mas atuando entre si, podem tornar visível o que era invisível.

A lentidão do caminhar, a possibilidade de parar em oposição à mobilidade apoiada por veículos, determinam uma determinada velocidade capaz de levar a descobrir a natureza e os espaços em redor, de ir apreendendo os objetos em câmara lenta, permitindo também perceber a pequena escala da paisagem e os valores do micro.

“As caminhadas ou pedestrianismo, são tão antigas como o homem. Praticar caminhadas ou pedestrianismo é andar a pé, algo que o ser humano teve de fazer desde sempre para se deslocar de um lugar para outro. Na verdade, muitos dos caminhos que se percorrem na prática das caminhadas parecem ter sempre existido, para ir de uma aldeia a outra, para chegar a uma pequena ermida ou para aceder a velhas ruínas. As calçadas romanas poderiam ser um primeiro e claro antecedente das caminhadas. O traçado das que não se transformaram em estradas ainda se utiliza. Outro antecedente encontra-se no famoso Caminho de Santiago, um longuíssimo caminho que passou a fazer parte dos percursos catalogados e que só em Espanha conta com mais de 800 km.”(18)

Numa conjuntura ambiental e ecológica têm vindo a ser desenvolvidos projetos relacionados com o meio ambiente, nomeadamente de estudo, observação e registo da biodiversidade, assim como projetos de sensibilização de plantas comestíveis e espontâneas passando pela observação de árvores exemplares etc.

É também comum a realização de trilhos ou percursos pedestres que normalmente são designados de âmbito paisagístico, patrimonial, histórico, cultural, ambiental e desportivo, dada a sua abrangência temática, e associados aos percursos de grandes e pequenas rotas ou percursos locais normalmente já sinalizados pelas autarquias.

“Há regiões, zonas do interior português – à semelhança do que sucede em outras geografias – que induzem, apelam a uma ativação efetiva do elogio do caminhar, em modo direto e presencial

Acredito que há lugares que merecem ser habitados, fazer os caminhos para chegar a casa.” disseram Daniel Moreira e Rita Castro. (19).

Os estratos transcritos acima são, para nós, os argumentos para o intervir na paisagem, na intenção que a arquitetura se torne paisagem e que a sua ocupação mantenha a ligação com o exterior.

(14) Francesco Careri “Walkscapes O caminhar como pratica estética”, Editora Gustavo Gil

(15) e (16) Jean-Marc Besse “Paisagem Património, Estar na paisagem, caminhar , habita,” organização de Isabel Lopes Cardoso, Equações de Arquitetura Dafne Editora, 2013

(17) Gaston Bachelard “A poetica do Espaço” Coleção Topicos, 2008, p.62

(18) site Caminhar pelo prazer de caminhar

(19) Daniel Moreira e Rita Castro “Arquivos de Bouça Nova” Museu da Paisagem

## **1.7. Património**

### Teorias de intervenção

O conceito de património, de acordo com a definição apresentada no site da Direção Geral de Património Cultural de Portugal, no ano de 2022, é o seguinte:

“O património arquitetónico, construído e paisagístico, englobando os aspetos do meio ambiente resultantes da interação entre as pessoas e os lugares

através do tempo, é um recurso de importância vital para a identidade coletiva e um fator de diferenciação e de valorização territorial que importa preservar e legar para as gerações futuras.”(20)

De acordo com a Carta sobre o Património Vernacular Edificado do ICOMOS publicado no ano de 1999: “O património vernacular edificado ocupa lugar privilegiado na afeição e é motivo de orgulho de todos os povos. Ele foi aceito como um produto característico e atrativo da sociedade. Ele parece irregular, mas, ainda assim, ordenado. Ele é utilitário, além de possuir interesse e beleza. Ele é um foco de vida contemporânea e, ao mesmo tempo, é um registo da história da sociedade. Embora seja resultado do trabalho do homem, ele é, também uma criação do tempo. Ele mereceria integrar o património da humanidade se houvesse cuidado na conservação desta tradicional harmonia que constitui o cerne da própria existência do homem. O património vernacular edificado é importante; ele é a expressão fundamental da cultura de uma comunidade, de sua relação com o território e, ao mesmo tempo, a expressão da diversidade cultural do mundo.

A construção vernacular é o modo tradicional e natural das comunidades se abrigarem. É um processo contínuo que inclui as mudanças necessárias e uma constante adaptação em resposta às limitações sociais e ambientais. A sobrevivência desta tradição é mundialmente ameaçada por forças de homogeneização económica, cultural e arquitetónica. A maneira de fazer frente a essas forças é um problema fundamental que necessita ser encarado pelas comunidades e também pelos governos, planejadores, arquitetos, conservadores e por um grupo multidisciplinar de especialistas.

Devido à homogeneização da cultura e da transformação socioeconómico global, o património vernacular edificado é extremamente vulnerável no mundo inteiro, enfrentando sérios problemas de obsolescência, equilíbrio interno e integração”. (21)

A proteção do património arquitetónico, ou da condição de monumento histórico atuante nos nossos dias, foi um processo demorado ao longo da história recente.

Será por volta do ano de 1420, durante o período humanista, que o Papa Martinho V restabelece a sede do papado em Roma, uma cidade desmantelada e em ruínas, à qual deseja restituir o seu poder e prestígio, criando assim a forma primitiva do conceito de monumento histórico, atuando como confirmação de um passado fabuloso.

Atendendo que na Europa, desde a antiguidade à Idade Média, a demolição de igrejas ou de palácios poderia acontecer caso estes fossem entraves à ordenação territorial dos reinos, ou para serem substituídos por construções que expressavam o pensamento mais atual à época, eram por isso desmantelados e a pedra utilizada em outras construções, ou, caso não fosse necessária ou possível a sua demolição, ser alterado o seu uso.

A consciência de que o passado arquitetónico é uma lição de construção e de beleza a preservar, foi um processo muito longo, pontuado pelo desconhecimento, por oportunismo, falta de sensibilidade ou desinteresse.

Será por volta de 1830, que em França é constituída a primeira Comissão dos Monumentos Históricos, depois do vandalismo que imperou durante as revoluções, com igrejas incendiadas, estátuas derrubadas ou castelos

saqueados.

Com a revolução industrial, iria dar-se uma rutura entre os modelos tradicionais de produção e o período anterior. Enquanto processo de desenvolvimento histórico e arqueológico iriam inverter-se os valores atribuídos aos monumentos históricos.

-O arquiteto, desenhador, escritor, crítico, historiador de arte arquitetónica e restaurador francês Viollet-le-Duc (1814 a 1879) estabeleceu os princípios da intervenção em monumentos históricos pensando num conceito moderno de restauro

Na sua prática interventiva, exercia ações de reconstrução em estilo, seja como complemento, seja correções ao que ele interpretava como equivocado ou imperfeito. O que se pode interpretar como um restauro estilístico, com as características arquitetónicas e construtivas próprias da época da sua construção original.

Como método de intervenção, considerava que o arquiteto deveria colocar-se no lugar do autor original, e pensar como ele resolveria o programa dos novos usos nos monumentos.

-O teórico de conservação e escritor inglês John Ruskin (1819-1900), publica em 1853, o livro "The seven lamps of architecture", onde alicerça o movimento contemporâneo anti restauro. Defende a valorização da obra, no seu tempo e existência, a sua manutenção de forma a garantir a sua preservação, assim como a conservação preventiva, não concebendo o restauro das obras, o que considera ser a sua destruição. O paralelismo entre a trajetória de uma obra e a vida, com um início, meio e fim, levou-o a considerar que o fim dos monumentos "é a ruína e a degradação progressiva."

-O arquiteto, historiador, crítico de arte e escritor italiano Camillo Boito (1836-1914) foi um defensor da teoria da conservação e do restauro, criando princípios para a intervenção no património arquitetónico, nomeadamente a distinção entre as partes restauradas e as originais (tanto usando materiais diferentes ou simplificando a solução);respeitando a patine do tempo e as adições de épocas distintas; opunha-se ao restauro estilístico; as

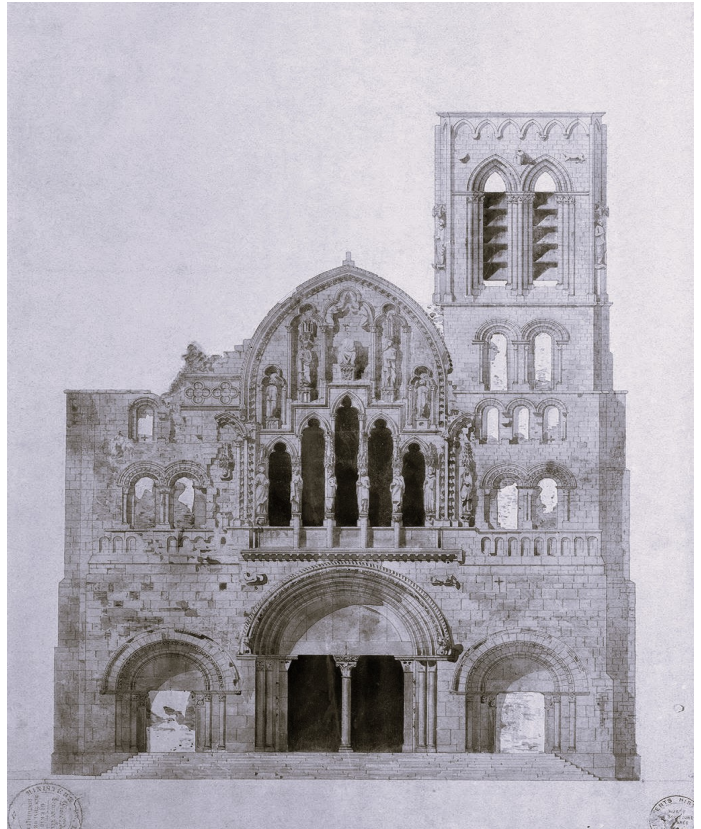


Figura 14 Obra de restauro, ultima imagem, da Igreja de Madaleine de Vezelay em França, por Viollet-le-Duc

intervenções e acréscimos reduzidos ao mínimo necessário, e feitos com as características do seu tempo. Publica o livro "Questioni pratiche di belle arti", onde irá introduzir, os princípios de restauro arqueológico, onde prevalece a importância histórica documental, o restauro pictórico, o pitoresco e o restauro arquitetônico, onde é a beleza que assume mais importância.

A obra de Boito mostra que na charneira do século XIX e do século XX a conservação dos monumentos históricos tinha conquistado o estatuto disciplinar que só uma interrogação acerca dos seus conceitos e procedimentos lhe podia conferir. Até aqui, o restauro dos monumentos era efetuado de acordo com a sua pertinência. Caso não se justificasse, as construções eram abandonadas ou demolidas e os seus materiais reaproveitados.

-O Historiador de arte austríaco Alois Riegl (1858-1905), publica em 1903 o livro "O culto moderno dos monumentos, seu carácter e origem", onde se encontra apresentada uma classificação dos valores presentes nas obras antigas, a ser conhecidas e ponderadas nas intervenções a serem realizadas, em prol da preservação; cria os valores de memória (valor da antiguidade e do histórico e da memória) e valores da atualidade (valor de uso, atualidade e da arte), e na definição do que é um monumento.

- O arquiteto, engenheiro e urbanista italiano Gustavo Giovannoni, publicou o artigo "Vecchie città ed edilizia nuova" em 1931, onde ajudou a consolidar o "restauro urbano" como disciplina ao formular teorias urbanísticas, com atenção especial para as relações entre urbanismo, arquitetura e preservação do património. Promoveu intervenções nos centros antigos melhorando o saneamento, circulação e a segurança, englobando também o conceito de arquitetura doméstica.

O objetivo principal do restauro é a conservação dos monumentos, logo, "os trabalhos de consolidação e de manutenção regular são, portanto, os que se destacam neste programa" (GIOVANNONI, p.181). Entretanto, para os monumentos mais recentes (não aplicável aos monumentos da Antiguidade), este não exclui os trabalhos de recomposição, reintegração e deliberação, desde que não alterem vestígios importantes do passado, nem sejam introduzidos falsos.

Todo este movimento fez com que se assumisse a defesa do património, através da legislação de proteção e disciplinas de conservação.

Boito, será um dos mais importantes intervenientes na Conferência de Atenas de 1931 e da qual resultou a Carta de Atenas.

- Em 1931, em Atenas, realizou-se a primeira conferência internacional relativa aos monumentos históricos. Desta conferência resultou a CARTA DE ATENAS SOBRE O RESTAURO DE MONUMENTOS Serviço Internacional de Museus, Atenas (Grécia), 1931 onde é formalizado um conjunto de intenções. A Conferência recomenda que, na construção de edifícios, se respeite o carácter e a fisionomia das cidades, sobretudo na vizinhança de monumentos antigos cuja envolvente deve ser objeto de cuidados especiais. Deverão mesmo ser preservados alguns conjuntos e certas perspetivas particularmente pitorescas. Recomenda, ainda, o estudo das plantas e ornamentações vegetais que melhor se adaptam a cada monumento ou conjunto monumental para lhes conservar o carácter antigo.

-O crítico de arte e historiador italiano Cesari Brandi (1906-1988), defende que "se restaura solo la materia de la obra de arte" e "la restauración debe dirigirse al restablecimiento de la unidad potencial de la obra de arte, siempre que esto sea posible sin cometer una falsificación artística o una falsificación

histórica, y sin borrar huella alguna del transcurso de la obra de arte a través del tiempo” , (22)

-Em 1964, em Veneza, Itália, criou-se a Carta de Veneza sobre a conservação e o restauro de monumentos e sítios ICOMOS, que define a noção de monumento, de conservação e de restauro.

-Em 1972, em Itália, criou-se a Carta de Restauro, que volta a definir o que são monumentos arquitetónicos, conservação e restauro.

Em 1987, criou-se a Carta da Conservação e do Restauro de Objetos de Arte e Cultura.

-Em 1989 Recomendação n.º R (89) 6 Sobre a proteção e a valorização do património arquitetónico rural.

-Em 1999, no México, criou-se a Carta sobre o Património Vernacular Edificado do ICOMOS;

-Em 2000, na Polónia, criou-se a Carta de Cracóvia, Princípios para a conservação e restauro do património construído;

-Em 2011, em Malta, criaram-se os Princípios de La Valeta sobre a salvaguarda e gestão das cidades e dos conjuntos urbanos históricos, ICOMOS La Valeta.

(20)site da Direção Geral de Património Cultural de Portugal, no ano de 2022,

( 21)CARTA DE ATENAS SOBRE O RESTAURO DE MONUMENTOS Serviço Internacional de Museus, Atenas (Grécia) 1931

(22) Cesari Brandi “Teoría de la restauracion” Alianza Editorial, fl.17

## 1.8 Moinhos de água

O termo "moinho" deriva do latim *molinum*, de molo, que significa moer, triturar cereais ou dar à mó. O moinho de água apareceu no séc. II d.C, com os gregos e os romanos, que depois o espalharam pela Europa. Serviam para moer cereais e transformá-los em farinha e foram um dos mais importantes instrumentos na economia de subsistência e em períodos de fraca circulação monetária.

Na década dos anos 60, do séc.XX, existiram em Portugal, cerca de 10 000 moinhos em laboração, sendo que 7000 seriam moinhos de água e 3000 moinhos de vento. O número de moinhos em atividade evidenciava a importância económica que estas estruturas detinham na economia portuguesa desse período, pelo menos no mundo rural.

Historicamente, a introdução do moinho na península Ibérica, enquanto inovação tecnológica, deveu-se à ocupação romana, todavia a sua expansão e difusão ocorreu durante a Idade Média.

Na documentação medieval, são muitas as alusões e representações de moinhos (fig.16).

O complexo de moinhos de água alimentados pela Ribeira da Nossa Senhora dos Aflitos, localizada a poente da aldeia de Picote, está ligado através de um sistema de levadas, com origem nos açudes, que represam a água da ribeira.

Estes moinhos são, atualmente, propriedade privada, o que poderá levar-nos a pensar que não eram moinhos comunitários, mas que tiveram um papel essencial na economia em todos os aglomerados rurais, nos séculos XIX e XX. A moagem dos cereais, quer do trigo ou do centeio, e também da aveia e da cevada, que são plantados em estações diferentes, sendo a matéria-prima para a confeção do pão, eram a base da alimentação da povoação e dos farelos para os animais. Constituído num espaço geográfico em que os solos não eram muito ricos, não haveria muita diversidade de colheitas, havendo, portanto, uma agricultura de subsistência.

Atualmente, estas construções encontram-se em estado de abandono desde o início dos anos 50 do século passado.

Apenas um moinho se encontra equipado com o aparelho da moagem, a moenda. No entanto, a levada que o serve está parcialmente destruída e o cubo está entupido com pedras, não estando operacional para a moagem.

Dado o grau de degradação dos moinhos não é possível reconstruir com exatidão todo o processo específico para a moagem nos moinhos.

No moinho hidráulico, o engenho motor, o rodízio, é uma roda horizontal (cabaço) com cerca de dois metros de diâmetro, que tem inserida uma numerosa série (geralmente vinte) de palas côncavas (penas) centradas num eixo vertical (pela ou árvore). A água da levada, repuxada em jato por um orifício do cubo, é dirigida contra as penas fazendo rodar o rodízio e a pela, que está solidária com a mó e lhe transmite o movimento (ver fig. 17).

O funcionamento do moinho depende do desnível do terreno, que deverá ser acentuado fazendo correr a água através da levada ou caleira de nível. Estas podem ser peças em granito, escavadas na terra ou nas rochas do local. Aproveitando a força hidráulica devido à topografia, a água entra na cota superior, sendo a admissão feita por canal, na maioria, mas também por cubo vertical (moinho n.º 3) e por cubo com anilhas inclinadas (moinho n.º 8). Dependendo da orografia do local, a água normalmente desce com muita força e faz o rodízio mover-se, sendo depois encaminhada para o moinho seguinte.

Os edifícios deste complexo, são de pequena dimensão, não ultrapassando 4,5m por 7m. Foram construídos, aparentemente, com os materiais do local, em granito principalmente, e com dois pisos.

Dada a sua dimensão, não têm incorporado espaços para outras funcionalidades, como o uso doméstico. Sendo por isso edifícios autónomos, não havendo moleiro, por isso serão os próprios proprietários do moinho a moer, tarefa que seria feita principalmente de noite.

É através do piso superior que se acede ao moinho, onde se localiza o aparelho de moagem, a moanda, e é no piso inferior onde se encontra o mecanismo motor, o cabouco.

O piso inferior é normalmente constituído por paredes muito resistentes em alvenaria ou peças de granito justapostas, tendo em conta a força da água. O piso superior, normalmente, apresenta um aparelho com alvenaria de qualidade superior, aparentemente com cobertura de uma água, estrutura de madeira com lajetas de lousa ou em telha de barro.

Com o aparecimento das moagens elétricas e das fábricas de rações para animais os moinhos manuais caíram em desuso, ficando abandonados.

O trabalho nos moinhos, representado na figura dos moleiros, deveria ser objeto de registo face à sua especificidade. Nomeadamente a forma como se pica as mós, como se mete água, se acerta as cunhas e se sabe da finura da farinha, para que não fique esquecido.

A recuperação dos edifícios, para a sua finalidade inicial, sem a devida explicação e acompanhamento durante todo o processo, poderá perder a essência original. Considero, no entanto, que a recuperação das levadas poderá ser utilizada para irrigação dos campos, não se perdendo assim toda uma infraestrutura existente e com características muito particulares.

Nota: Considero que estes saberes deviam ser objeto de recolha por parte das entidades competentes, porque a musealização, também passa pelo saber a arte da moagem.

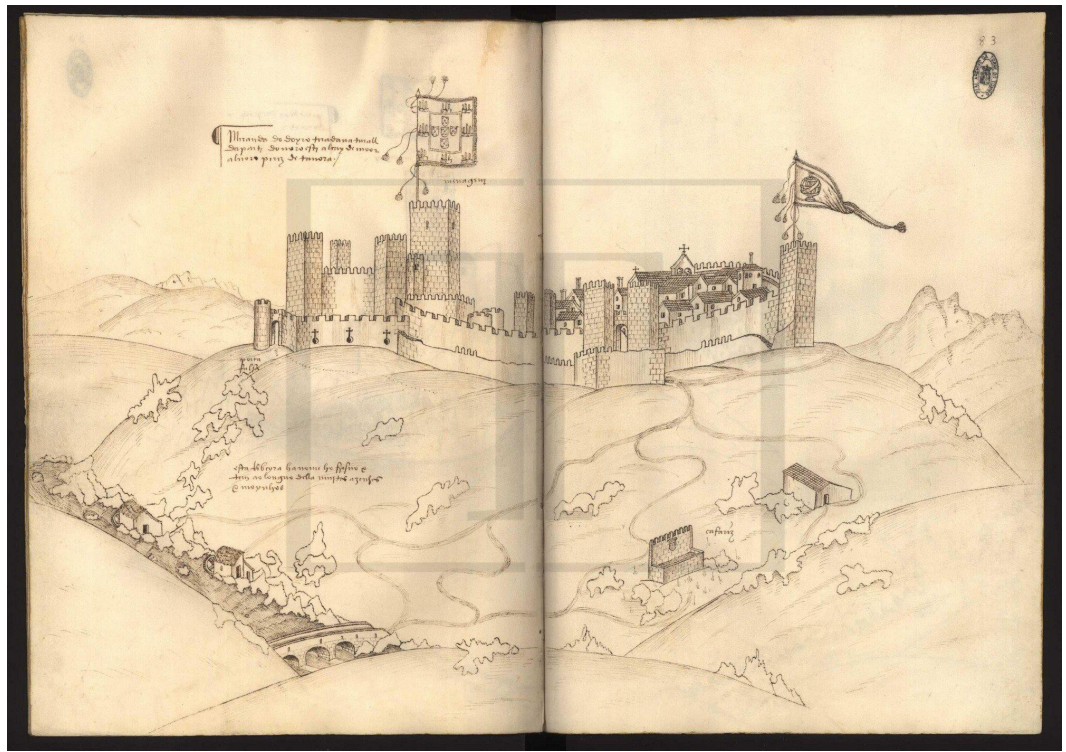


Figura 15 Miranda do Douro em 1509 ou 1510



Figura 16 Rodízio

#### Vocabulário:

Açude: Construído em pedra, serve para represar a água do rio ou ribeira.

Levada: Canal que tem origem no açude e transporta a água até à represa.

Represa: Local onde é recebida a água vinda da levada

Agueira: Canal condutor de água (desce em cascata) da represa para o rodízio.

Cubo: Cabouco na parte inferior do moinho onde está colocado o rodízio.

Seteira: Peça existente ao fundo da agueira, projeta a água para o rodízio.

Zorra: Peça de apoio ao rodízio.

Pejaduro: Tábua que comando a direção da água.

Cunhas de agulha: Tacos reguladores do controle/levantamento da pedra.

Moega: Peça em madeira, quadrada ou retangular onde é colocado o grão.

Tremonhado: Lugar para onde cai a farinha vinda das mós.

Caleira: Peça em madeira ou cortiça. Recebe o grão da moega para o olho da mó.

Comando do pejadouro: Serve para movimentar e parar o moinho.

Rodízio: Roda com movimento horizontal, ligada à mó por um veio.

Tapume: Tampão regulador da entrada da água para a agueira.

Pedra: Mó em granito

Alqueire: Medida em madeira servindo para medir os cereais.

Taleigo: Saco em pano onde é transportado o grão ou farinha.

Maquia: Parte retirada pelo moleiro correspondente ao seu trabalho.

Balança: Balança decimal.

Pesos: Peças auxiliares da pesagem.

\*Em anexo, apresentamos as fichas de parte deste conjunto de moinhos.

Para o estudo do funcionamento e constituição de moinhos foram consultados os elementos:

Sites de consulta: [www.RotaFria.com](http://www.RotaFria.com); Município de Mira.

-“Moinhos de Água, paisagem, território e património”, Ed. Manuel Nunes\_Lousada CM 2021;

-Ana Campos, Cristina Pinho, Eduarda Vieira, João Gaspar, Samuel Gonçalves e Carla Garrido de Oliveira, “Carreira de Moinho de Alvarenga. Investigação histórica premissas para a sua recuperação” Colóquio Internacional de Arquitetura Popular, Arcos de Valdevez, 2013

-Património à prova de Água. Apontamento para a Salvaguarda das Azenhas e Açudes nas margens do Rio Ave, Vila Nova de Famalicão/Trofa

Constituição moinhos(imagem)fig 17

## **2ª PARTE**

## Recolha de Imagens/Desenhos



Figura 18 Matéria

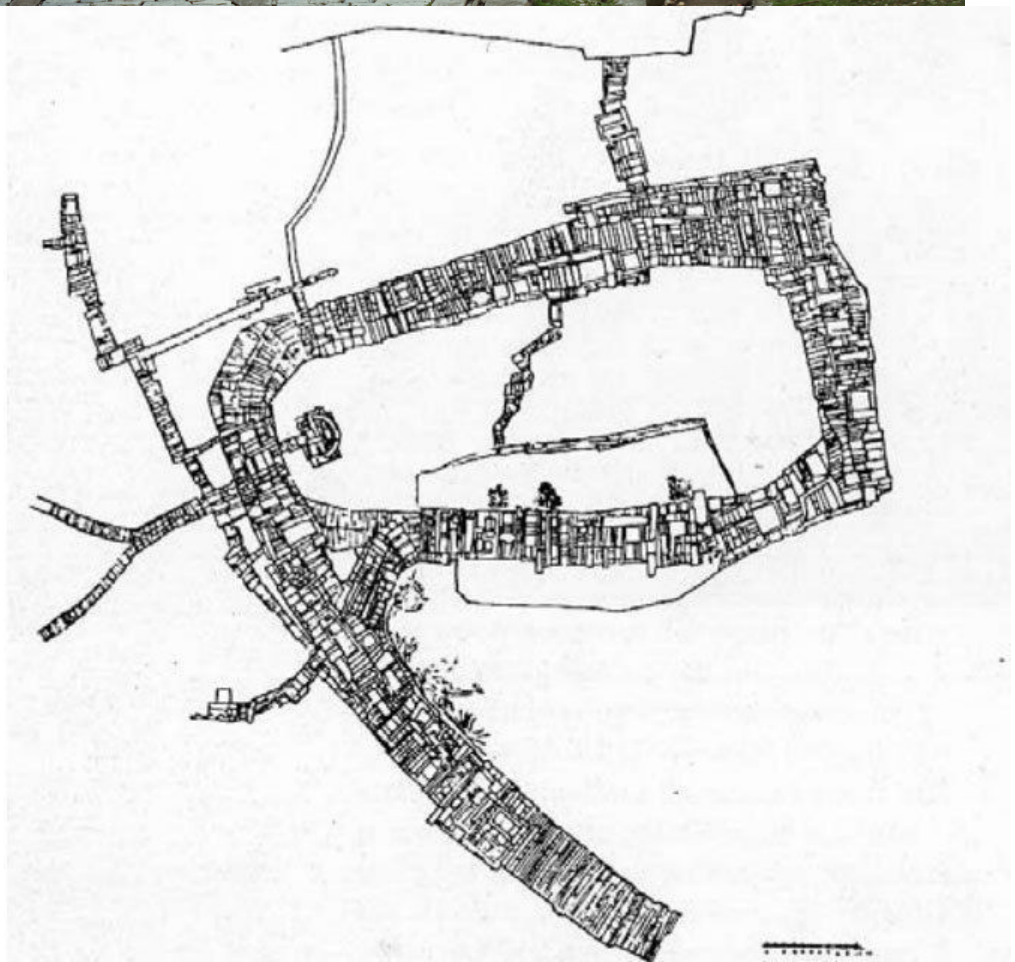




Figura 19

### **PARTE 3**

## Casos de estudio



### **3.1. Os Caminhos da Acrópole**

#### **Arq. Dimitris Pikionis**

O projeto do arquiteto grego Dimitris Pikionis, para a Acrópole de Atenas, realizado entre os anos de 1954 e 1957, no nosso entender, corresponde a uma obra de que será exemplar na forma como se amplifica a identidade de um lugar.

Na cidade de Atenas, seria longo e complicado o processo de ordenamento das encostas da colina da Acrópole e de Filopappou, que eram um montículo desnudado, fortemente pastoreado, pontilhado de oliveiras ocasionais e alguns caminhos superficiais. Um estado que não fazia justiça ao significado do local.

A proposta paisagística para a envolvente da Acrópole, foi organizada segundo dois percursos separados. Um percurso dá acesso à colina da Acrópole e o outro conduz à colina de Filopappou.

Tanto um caminho como o outro definem um percurso sinuoso e não chegam diretamente ao ponto final da colina onde se localizam os monumentos.

A obra foi elaborada diretamente sobre o terreno, durante quase quatro anos, com os seus alunos e artesãos locais mais qualificados para trabalhar as pedras e os materiais.

Trata-se de um trabalho demorado e minucioso, no qual, arquiteto e artesãos procuraram desvendar o caminho dentro da paisagem. Dirir-se-ia que Pikionis estava a utilizar o método tradicional do mestre construtor, construindo em elaboração conjunta entre arte e o saber fazer.

A mão enquanto desenha obriga a olhar demoradamente a paisagem, a pensar na sua composição e a definir o que o corpo quer.

É referido nas várias explicações lidas, que a obra foi executada quase sem desenhos técnicos, sendo que havia muitos desenhos à mão sobre estudos de padronização dos pavimentos, disposição das pedras que definiriam curvas ou declives, zonas de paragem para descanso, ou para observar a paisagem, a forma como vegetação que se articula, a sua altura, opacidade, sombra e frescura.

Podemos ter um trabalho de infinitas formas e padrões, em que a pedra será o protagonista da paisagem.

A primeira metade de século XX foi uma época de grandes mudanças urbanísticas para Atenas. Com a construção de novos edifícios, muitas construções do século XIX foram demolidas, originando uma quantidade gigantesca de detritos, que Pikionis ira escolher e utilizar na sua obra. Quer como pavimentação, muros, bancos, degraus. A verticalidade desconstruída que passa a horizontalidade.

Será uma apropriação de mármore, fragmentos cerâmicos, lintéis, padieiras, com que o arquiteto irá compor "en un gigantesco collage de pasado y presente, un diálogo abierto com los monumentos, el paisaje e el tempo".

No texto "Topografia Sentimental", de 1935, Píkonis dirá, sobre a pedra, "Ela configura os contornos da paisagem. Ela é a paisagem. É o templo destinado a coroar as escarpas da nossa Acrópole". A mesma pedra será trabalhada pelos antigos mestres dos jardins japoneses, os quais também a entendem como a matéria principal para projetar paisagem.

Píkonis impôs uma nova leitura, quase atemporal, da paisagem da região e essa continua a ser a sua maior conquista, seis décadas depois.

Assim, o projeto do arquiteto Dimitris Píkonis, transporta para este trabalho o respeito pela paisagem e pela topografia local, pela valorização do próprio local, explorado de uma forma artística, mas também como artesanato. Misturando os elementos em pedra com peças em cimento, garantindo assim, uma abordagem que usa o antigo, mas trabalha-o com uma linguagem moderna.

Tanto a análise das estradas romanas como a análise deste projeto foram fundamentais para compreender a forma como se pode construir um caminho.

Fazer um percurso sinuoso pela encosta, com espaços para descanso, para olhar a cidade, contemplar, antecipar calmamente a chegada ao topo, como se fosse necessário misturar-nos no lugar, para depois vermos a acrópole, o motivo da viagem.

A necessidade de construir no local, remete-me para um processo manual, visual, de olhar as pedras e imaginar os seus padrões, construindo uma linguagem mineral, e num contexto contemporâneo, repete a antiga história do aproveitamento de matérias existentes no local.

### **3.2. A rota do peregrino no México**

Anualmente, aproximadamente dois milhões de peregrinos, reúnem-se para participarem na Ruta del Peregrino, a Rota do Peregrino, uma peregrinação com 117km pela serra de Jalisco. Há registos da ocorrência desta peregrinação, desde o século XVII, que representa o ato de fé do peregrino levado à penitência, sendo o percurso marcado por condições muito duras.

A Secretaria de Turismo de Jalisco, numa tentativa de conceder ao percurso melhores condições, contratou um grupo de arquitetos mexicanos e internacionais. Deu-se assim a colaboração entre nove gabinetes de arquitetura e de design, com o intuito de construir sete marcos arquitetónicos que proporcionassem abrigo, serviços e miradouros para os peregrinos usufruírem. Os projetos desenvolvidos são estruturas simples que permanecem abandonadas a maior parte do ano e que acabarão por envelhecer como parte da paisagem. Criou-se desta forma uma forte relação entre a paisagem extraordinária e os rituais religiosos.

Os artista e arquitetos foram, [Ai Weiwei \(Design FAKE\)](#), [Luis Aldrete](#), [Christ & Gantenbein](#), [Dellekamp Arquitectos](#), [Elemental](#), [Godoylab](#), [HHF architects](#), [Periférica](#) e [Tatiana Bilbao](#).

#### **Ai Wei Wei (FAKE Design)**

"Walk the line", o projeto de [Ai Weiwei](#), marca uma linha norte-sul ao longo da rota, tanto submersa como elevada do terreno e proporciona aos peregrinos a passagem de um espaço íntimo à amplitude da paisagem.

## **Luis Alderete**

“A estratégia consiste numa série de módulos básicos que podem ser multiplicados para dar forma ao projeto e que tornam o projeto capaz de adaptação e crescimento. A atmosfera faz sentido quando dois tipos de peças confeccionadas com a cor adobe clay, que é uma das cores predominantes da região, configuram o espaço.

Um deles é peça essencial para realizar um perímetro treliçado nos edifícios que refletem o jogo de luz e sombra criado pelas coberturas de folhas de carvalho utilizadas na maior parte do restante dos ambientes, que contêm muita sensibilidade e qualidade do espaço.”

## **Christ & Gantenbein**

A coluna no pico do Cerro del Obispo, uma montanha com altura de quase 2.000 metros, projeta-se como um osso enorme para fora da paisagem lenhosa acima do vale de Ameca. Dentro, uma vista única para o céu aguarda o visitante, e à luz do sol, que vem através da abertura, refletido nas leves paredes de concreto agrupando-se no chão.

## **Derek Dellekamp Arquitectos + Tatiana Bilbao**

Estrutura abstrata em forma de cruz, que cria um espaço de reunião ao longo do caminho.

## **ELEMENTAL**

O Crosses Lookout Point está a uma altitude mais alta nas montanhas Jalisco do que qualquer um dos outros novos abrigos ao longo da rota de 117 km. Posicionado como uma gangorra no seu ponto de inflexão, o pavilhão de concreto proporciona a quem entra uma visão emoldurada da paisagem.

## **Tatiana Bilbao**

Tatiana Bilbao trabalha com planos inclinados para criar os ermitérios.

## **HHF Architects**

Os arquitetos suíços do escritório projetaram um mirante em betão, com um caminho em espiral que leva o visitante a desde um exterior fechado à paisagem aberta.

## **Derek Dellekamp Arquitectos + Periférica**

O Círculo do Santuário tem uma única porta cortada num lado e os visitantes também podem entrar por onde o chão desce, criando uma lacuna para que se possam baixar sob a borda flutuante do círculo.

Templo do Vazio

O círculo oferece um lugar de introspeção, um espaço para os peregrinos olharem para trás na sua jornada, antes de seguirem para o destino final.



Figura 36,37,38,39

Diz-se que o caminhante faz o caminho, mas é o terreno que indica por onde avançar.

A rota do peregrino, apresenta um extenso número de intervenções na paisagem, com a função de melhorar as condições que a rota proporcionava aos milhares de peregrinos que a fazem anualmente, e procurando incentivar outros públicos para o fazer, que não só o motivo religioso.

Partindo assim do princípio, que não diminuindo a importância de chegar ao destino, devemos também viver o caminho.

Fizemos a análise do tipo de equipamentos propostos, que foram determinados por um percurso de longa duração, necessários para apoiar os peregrinos. Trabalhar as propostas face a uma topografia muito irregular, a forma como os lugares foram sendo marcados visualmente ou sensorialmente. Como foram delimitares as perspetivas ou os grandes alinhamentos na paisagem, os espaços estratégicos de zonas de sombra depois de longas subidas, ou instalações sanitárias e água.

Contudo, o mais interessante deste trabalho focou-se nas várias possibilidades de intervir na paisagem. O objetivo de algumas das peças passa por criar espaços de pausa, sombra, reflexão, a possibilidade de descanso e de observar a paisagem. Formas de Habitar a paisagem, elementos que possibilitam o permanecer. Conceber o espaço, com características afetivas e emocionais.





Figura 40 41 42 43

### **3.3. Minas de Allmannajuvet** **Arq. Peter Zumthor**

[fig. 44 e 45 Maquetas do projeto do Museu de Allmannajuvet, na exposição "Peter Zumthor: Edifícios e Projetos 1986-2007", Lisboa 2008.](#)

O Museu da Mina de Zinco localizado nas encostas de Allmannajuvet em Sauda, integra-se nas Rotas Turísticas Nacionais da Noruega.

É um conjunto de estruturas ortogonais implantado nas encostas íngremes da montanha. Os edifícios são compostos por volumes se encontram suspensos numa estrutura de palafitas que os elevam sobre as rochas, uniformizados por uma cor muito escura.

Num terreno muito declivoso, a implantação do museu é resolvida através da estrutura em palafitas, possibilitando aos utentes ter as vistas do desfiladeiros.

O museu pretende expor a forma como se trabalhava na Mina.

Entre 1881 e 1899, vários especuladores tentaram minerar zinco na ravina de Allmannajuvet perto de Sauda, uma remota cidade siderúrgica no sudoeste da Noruega situada no ponto crucial de um fiorde que corta profundamente o interior. No seu auge, 170 pessoas trabalhavam aqui, explodindo e escavando minério que foi enviado para Swansea, no País de Gales. Mas os depósitos logo secaram, e os magros e improvisados edifícios da mina, com seus telhados de casca de bétula e grama, corroeram de volta para a paisagem selvagem.

A sua presença tem a capacidade emocional de evocar memórias ou de remetermos para imagens, que nos transportam para o conteúdo e função daqueles objetos, daquele museu, o trabalho duro e sujo das minas. A relação entre o observador com o espaço arquitetónico, é feito através da experiência que este nos proporciona.

As estruturas poderiam estar a apoiar uma mina em laboração, os edifícios lembram-nos o trabalho das minas e as construções provisórias, através dos materiais, da cor, das formas e até das texturas.

A escolha da mesma cor no exterior e no interior mantém a imagem, como se fosse uma continuação da experiência. Os materiais e as cores conjugados com a luz, lembram o património industrial do local.

Existe uma intenção de aproximar o visitante ao lugar criando uma dimensão experiencial, através da criação de atmosfera.



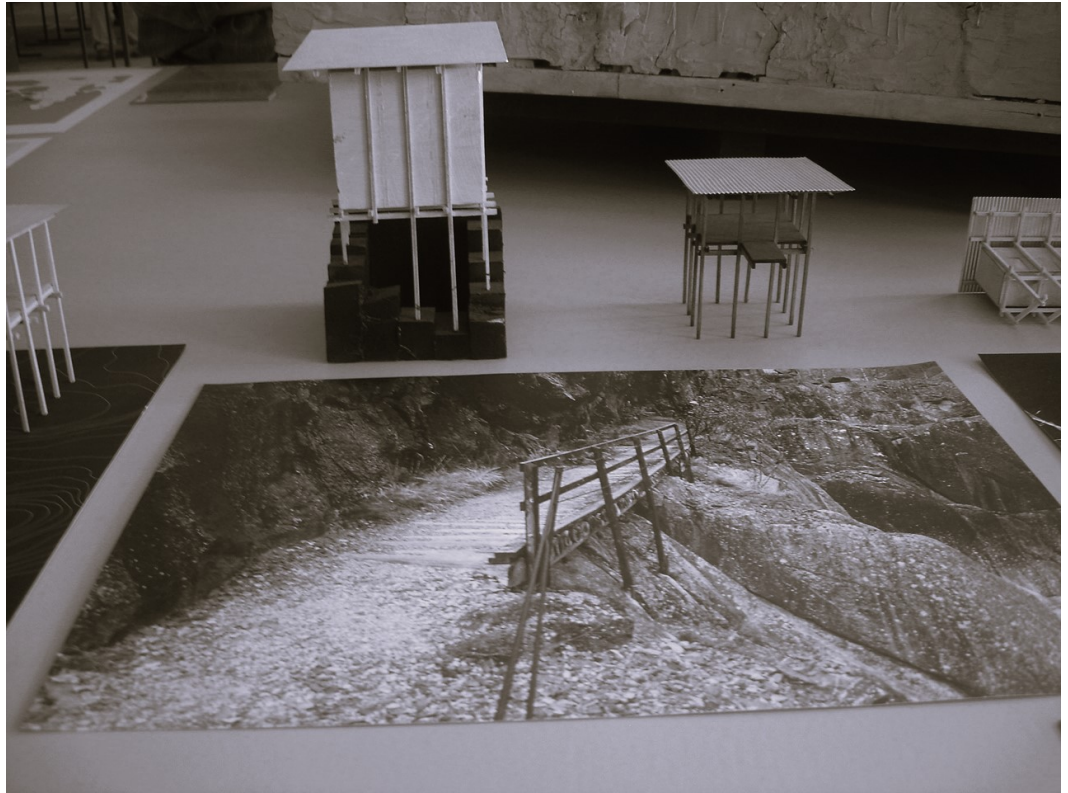
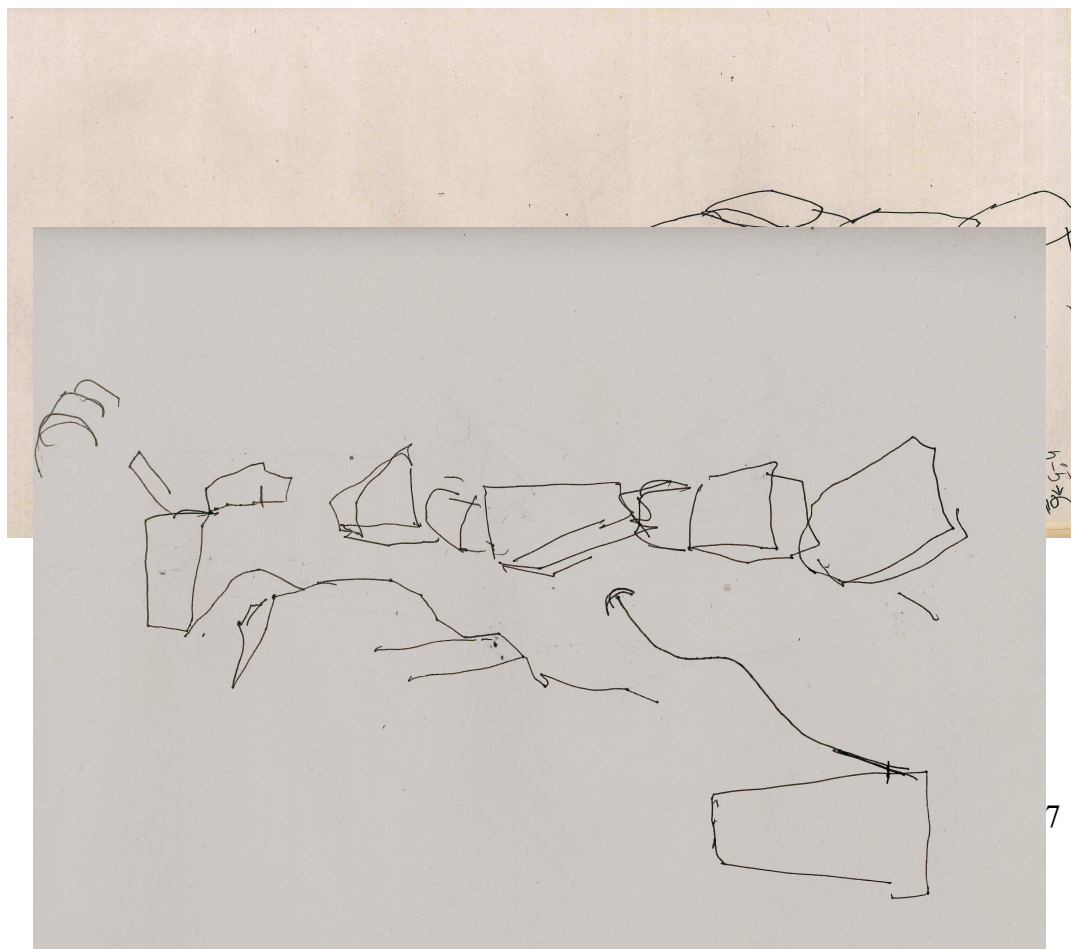


Figura.44 45

## 4. Parte

## A interpretação do sítio como processo criativo

### 4.1. Desenhos

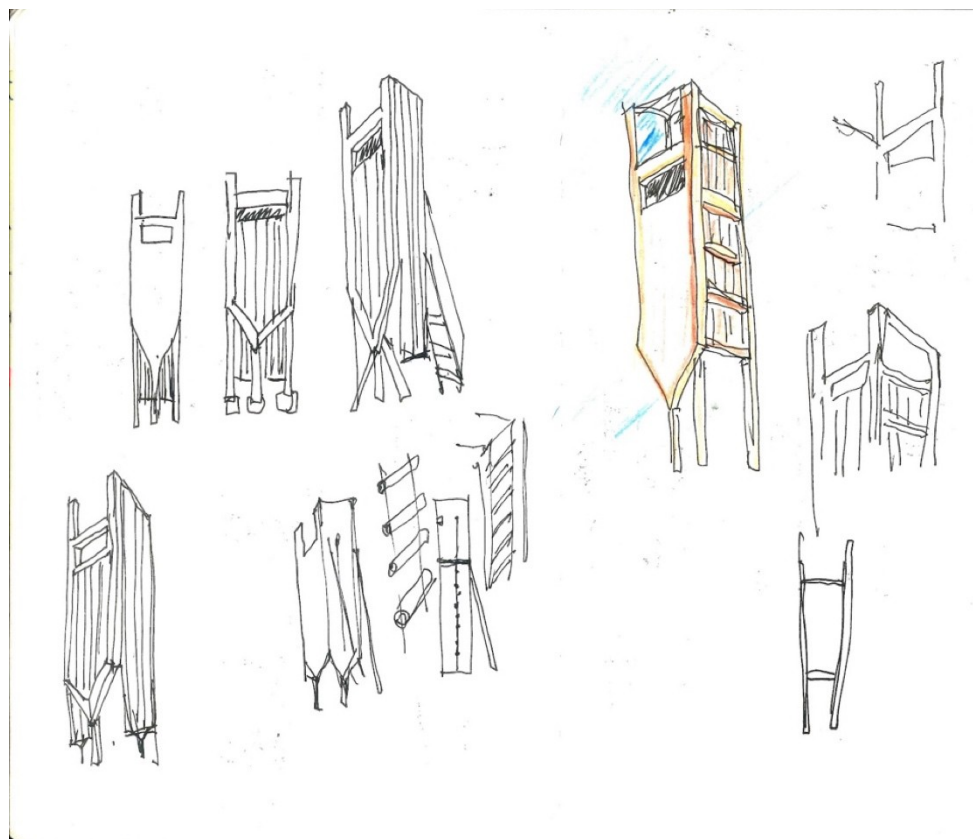
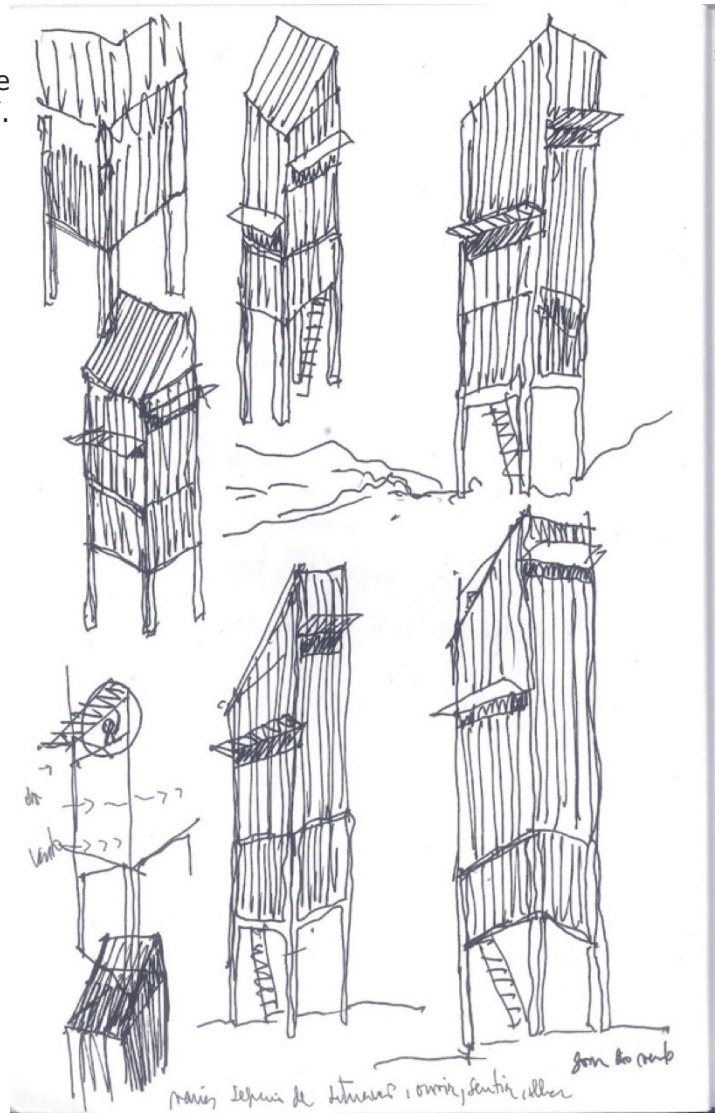


## **Os desenhos são um instrumento de leitura, de medição**

"O desenho é projeto, desejo, libertação, registo e forma de comunicar, dúvida e descoberta, reflexo e criação, gesto contido e utopia. Desenho é inconsciente, pesquisa e é ciência, revelação do que não se revela ao autor,

nem ele revela, do que se explica noutro tempo". disse Álvaro Siza

(2222) Nuno Hegidio  
Alvaro Siza, desenhar a hospitalidade  
CASARQUITECTURA  
210 p.57



## 4.2. Fotografias



caminhos

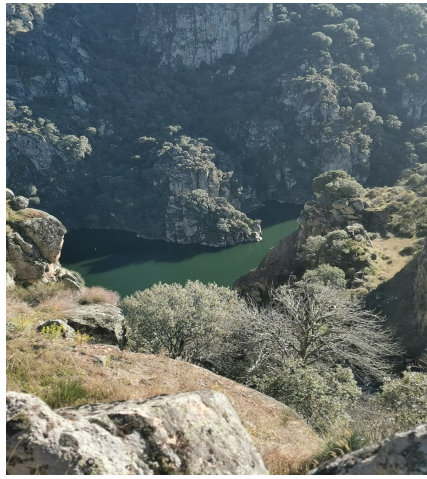


muros



sucalcos

O levantamento fotográfico, serão os meus olhos , são um recurso de memória, um registo DUARTE BELO



rio



aldeia

lavoura/rural



## FOLHAS E FLORES PELO CAMINHO

Se fores John Muir queres árvores por  
entre as quais viver. Se fores Emily, um jardim  
basta.

Tenta encontrar o lugar certo para ti  
Se não o encontrares, pelo menos sonha-o.

Quando se está sozinho e solitário, o corpo  
deixa-se à chuva e ao vento de bom grado  
ou atira-se às águas frias do rio, ou  
irrompe pela crosta gelada da neve

Qualquer toque

Deus, ou os deuses, são invisíveis, bastante  
compreensível. Mas o sagrado é visível,  
inteiramente.

Algumas palavras jamais saíram pela boca de Deus,  
não importa o quanto te esforces por escutar.

Em toda a obra de Beethoven, não encontrarás  
uma única mentira

Todas as ideias importantes devem incluir as árvores,  
montanhas, e os rios.

Para entenderes muitas coisas deves olhar além  
da tua própria condição

Por quantos anos deambulei vagarosamente  
pela floresta. Que milagre e  
glória teria perdido estivera eu  
com pressa.

A beleza é capaz de gritar e sussurrar, e ainda assim  
nada explica.

A questão é, tu és tu, e isso é para sempre.

MARY OLIVER -do Livro FELICIDADE

## **4.4. Ideia**

### **Programa**

O programa trata um percurso que liga Picote ao Barrocal, criando dois elementos de intervenção na paisagem.

A primeira intervenção é uma estrutura em madeira retangular que pretende servir, marcar o início dos percursos e a segunda intervenção é uma estrutura de observação de pássaros, também em madeira.

São elementos de pouco impacto construtivo e visual que permitem, por um lado, estabelecer pontos a marcar e ordenar os percursos, como também possibilitar o usufruir da paisagem.

A intervenção nos moinhos vem na sequência da realização dos percursos e da necessidade de pernoitar num local.

Os moinhos encontram-se no final dos percursos e têm como finalidade garantir um espaço para pernoitar, ou descansar, aproximando-se do conceito de abrigo ou retiro.

O estudo do contexto existente, quer da história, quer da paisagem, levou-nos a refletir de modo a perceber de que forma se deve elaborar um projeto de arquitetura neste local.

Se por um lado, no Complexo do Barrocal, temos um manifesto da arquitetura modernista em Portugal feito por arquitetos. Por outro, na aldeia de Picote, temos a representação da arquitetura popular, a arquitetura sem arquitetos.

Do meu ponto de vista, ambas as abordagens arquitetónicas são excelentes

Porém, não deixo de sentir um forte interesse e curiosidade pela construção popular e a sua importância na **demarcação** dos lugares.

O modo de executar os muros, com grandes pedras colocadas quer na vertical, quer na horizontal e na diagonal, criam cheios e vazios, com formas diversas, sem qualquer argamassa. São um método desembaraçado do trabalho da pedra, que faz a separação de terrenos, de forma a suportar a chuva e o vento, deixar a água fluir entre os terrenos e de rápida e económica execução. Julgo que terão uma técnica específica de sustentação, que foi apurada ao longo do tempo, não deixando de ser surpreendentes na forma e matéria.

A escolha dos materiais e a precisão dos detalhes são fundamentais em alguns objetos. Por exemplo, a importância da dureza ou flexibilidade das madeiras ou a forma como a madeira é cortada e se faz a escolha da peça (\*) remete para a importância dos processos construtivos que se projetam também na arquitetura.

Outros elementos, como os abrigos, os cegonhos, as levadas, ou os carros de bois, através da sua forma e das várias matérias que fazem a ocupação do território, definem para mim, o carácter particular deste lugar.

*"Quando me concentro num determinado lugar para o qual devo elaborar um projeto, tento explorá-lo, perceber a sua figura, a sua história as suas qualidades projetais." disse Peter Zumthor (24)*

( )5555 Peter Zumthor

## **Ruínas**

“ ...porque a ruína deixa de ser arquitetura e passa a ser natureza. E mantive a ruína para manter essa pretensão de ser obra natural, anónima.” disse Eduardo Souto Moura.

A ruína, efetivamente, questiona os princípios arquitetónicos, os limites da obra e o conceito de interior-exterior.

Diria, no entanto, que as ruínas dos moinhos de Picote, pela sua forma e tipo de aberturas que possui, não deixa de continuar completa.

A intervenção nestas construções não será uma recuperação da forma original, recorrendo à reconstrução dos elementos que se encontram em falta.

Não se pretende alterar muito os elementos existentes, que continuam a ter a memória do seu uso passado, criando um novo interior dentro dos espaços.

A memória desta construção, encontra-se na forma e no tipo de abertura que possui.

## **Tempo e espaço**

*"Há um vínculo secreto entre a vagoriedade e a memória, entre a rapidez e o esquecimento(...) o grau de lentidão é diretamente proporcional à intensidade da memória; o grau de velocidade é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento ", escreveu Milan Kundera (23).*

Será talvez este o componente silencioso e motivador para permanecermos temporariamente no lugar de trabalho e analisar os seus constituintes, os seus pormenores, cores, texturas e formas.

Esta associação entre vagoriedade e memória poderá então ser entendida como a observação demorada de um objeto que poderá ajudar a memorizar o que vemos.

*"O caminhar produz lugares(...), uma ação que, simultaneamente, é ato percetivo e ato criativo, que ao mesmo tempo é leitura e escrita do território"* disse Francesco Careri. Poderemos então entender que quando caminhamos, entendemos e memorizamos melhor a paisagem, então estaremos a compreendê-la melhor.

*Quero entender que o caminhar lentamente na natureza seja um instrumento cognitivo e projetual para arquitetura.*

## **O lugar**

*"A relação entre a natureza e construção é decisiva na arquitetura*

*Este trabalho teve como objetivo inicial a possível atuação na presente paisagem rural, partindo de uma arquitetura de pontos que orchestra usos e movimentos."* disse Álvaro Siza (26).

A relação entre a natureza como lugar, e a concentração sobre lugar torna-se para os arquitetos referidos um elemento essencial para a realização de projeto.

23 Milan Kundera "A lentidão" pp.30-31

25 Peter Zumthor Pensar a arquitetura, 2009 GG pp.41

21 Álvaro Siza, Imaginar a Evidência Edições 70





**Bibliografia**

Bachelard, Gaston.(1989).*A Poética do Espaço*;São Paulo:Coleção Tópicos.

Belo, Duarte.(2020).*Depois da estrada*;Lisboa:Museu da Paisagem.

Brandi,Cesare.(1977).*Teoría de la restauración*;Torino:ALIANZA FORMA.

Cabral, C, Francisco.(2003).*Fundamentos da Arquitetura Paisagista*;Lisboa:Instituteda Conservação da Natureza.

Cannatà, Michele & Fernandes, Fátima.(1964).*Moderno Escondido, Arquitetura das Centrais Hidroelétricas do Douro*;Porto:FAUP-Faculdade de Arquitetura da Universidade Porto.

Careri, Francesco.(2015).*Walkscapes, o caminhar como prática estética*;Barcelona:GG.

Cardoso, L, Isabel.(2013).*Paisagem Património*;Porto:Dafne Editora

Castro, Cármen.(2011).*Viana de Lima*;Quidnovi e autores

Costa, P, F.(1995).*Enciclopédia prática da construção civil*;Lisboa:Portugália Editora.

Choay, Françoise.(1982). *Alegoria do património*; Lisboa: EDIÇÕES 70.

Domingues, Álvaro.(2021).*Paisagens Transgênicas*;Lisboa: Museu da Paisagem.

Fernandes, Fátima,2015\_“Valorização da Arquitetura e da Paisagem Patrimonial do Cabo Espichel”*Revista de cultura arquitetónica*, 06.

Mateus, Aires.(2021). Aires Mateus, private, public and unbuilt work,nº25:AMAG publisher.

Moutinho, Mário.(1979). *A arquitetura popular portuguesa*;Lisboa: Editorial Estampa.

Nesbitt, Kate.(2006).*Uma nova agenda para a arquitetura*;São Paulo:Cosacnaify.

Oliver, Mary.(2021).*Felicidade*;Porto:Flâneur.

Pallasmaa, Juhani.(2018).*Habitar*;Barcelona:GG

Pallasmaa, Juhani.(2019).*Los ojos de la piel, la arquitectura y los sentidos*;Barcelona:GG

Ribeiro, Orlando.(1991).*Opúsculos Geográficos*;Lisboa:Fundação Calouste Gulbenkian.

Sainz, Jorge.(1995).*Álvaro Siza*;Barcelona:blau.

Siza, Álvaro.(1998).*Imaginar a evidência*;Lisboa: Edições 70.

Siza, Álvaro.(1995).*Obras e proxectos*;Espanha:Electa.

Thoreau, D, Henry.(1999).*Walden ou a vida nos bosques*;Lisboa:Antígona.

Trigueiros, Luiz.(1994).*Eduardo Souto Moura*;Lisboa:blau.

Trigueiros, Luiz & Barata, M, Paulo.(2000).*Mies Van Der Rohe*;Lisboa:balu.

Zumthor, Peter.(2009).*Pensar a arquitetura*;Barcelona:GG.

Zumthor, Peter.(2009).*Atmosferas*;Barcelona:GG.